



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

A Crescer e a Brincar com a Música

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

2023, Inês Filipa Lopes Marques



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Inês Filipa Lopes Marques

A Crescer e a Brincar com a Música

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico,
apresentado ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para
obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Cristina Adriana Toscano de Faria

Abril de 2023

Agradecimentos

À minha orientadora, Cristina Faria, que me acompanhou ao longo dos últimos dois anos, com total apoio, dedicação e disponibilidade, ajudando-me a manter o foco e persistência. Pelas palavras de incentivo, opiniões, comentários críticos e construtivos que sugeriu ao longo da realização deste trabalho e que me fizeram evoluir e crescer.

À educadora cooperante, que me permitiu a possibilidade de intervir e me disponibilizou as ferramentas e recursos necessários para desenvolver este projeto e ir mais além.

Ao grupo de crianças, que integraram e fizeram parte do projeto, por me ajudarem a crescer e a aprender, pelo desafio que foi e por toda a alegria e carinho que me proporcionaram durante meses. Sem dúvida que os levo comigo no coração.

Às minhas amigas de Coimbra - Joana, Mariana Ventura, Mariana Marrazes, Sara e Lara - que me acompanharam e estiveram sempre presentes. Obrigada pela força, apoio, companheirismo e por todos os momentos que vivemos, nunca irei esquecer!

À Patrícia, a minha amiga, companheira, ouvinte e conselheira. Obrigada por todo o apoio e carinho que me transmitiste ao longo deste percurso, por todos os conselhos úteis e pela motivação.

À Inês, a minha amiga de infância que, apesar de longe, esteve sempre aqui para mim, acompanhando todo o meu trabalho e dedicação, e por todas as palavras de encorajamento e incentivo. Obrigada por todo o carinho e amizade de longos anos.

Aos meus pais, que permitiram que tudo isto fosse possível e me apoiaram sempre de forma incondicional. À minha mãe, amiga, ouvinte e conselheira, que me apoiaste e nunca me deixaste baixar os braços, sempre acreditaste em mim e nas minhas capacidades. Ao meu pai que me transmite segurança e conforto, o meu herói que sempre me encorajou e motivou.

Ao meu irmão que, apesar de distante, esteve sempre presente à sua “maneira”. Sei que estás orgulhoso da irmã e das suas conquistas.

Aos meus avós Lena e Fernando, que acompanharam o meu percurso e sempre me acarinharam e motivaram. Avó obrigada pelos teus ensinamentos e aprendizagens, nunca irei esquecer, e por todo o amor. Avô obrigada pelas tuas palavras de conforto e pelos valores que me transmitiste, sei que estás a olhar por mim e a proteger-me, com muito orgulho.

A Crescer e a Brincar com a Música

Resumo: O presente relatório “A Crescer e a Brincar com a Música” resulta de um projeto desenvolvido durante o estágio curricular de Educação Pré-Escolar, no ano letivo de 2020/2021, num jardim de infância com crianças de 5 anos de idade. O projeto desenvolveu-se ao longo de 2 meses, de acordo com o modelo pedagógico - o Movimento da Escola Moderna - e apresentava como objetivo principal promover o desenvolvimento musical das crianças, explorando a música e os sons, a partir de instrumentos musicais não convencionais e, também, através do corpo e da voz. Como metodologia escolheu-se o trabalho de projeto e mobilizaram-se diferentes instrumentos de recolha de dados como a observação, os meios audiovisuais e os registos. Constatou-se que o grande envolvimento e colaboração das crianças contribuiu para o desenvolvimento e aprendizagem de diversas competências musicais, pessoais, artísticas e emocionais e para o seu crescimento e evolução.

Palavras-chave: Movimento da Escola Moderna; música; Educação Pré-Escolar; desenvolvimento musical; competências musicais; materiais não convencionais.

Growing and Playing with Music

Abstract: This report " Growing and Playing with Music" is the result of a project developed during the curricular internship in Pre-School Education, in the school year 2020/2021, at a kindergarten with 5-year-old children. The project was developed over 2 months, according to the pedagogical model - the Modern School Movement - and its main objective was to promote the musical development of children, exploring music and sounds, using non-conventional musical instruments and also through the body and voice. As a methodology the project work was chosen and different data collection tools were mobilized, such as observation, audiovisual media and records. It was observed that the great involvement and collaboration of the children contributed to the development and learning of various musical, personal, artistic and emotional skills and to their growth and evolution.

Keywords: Modern School Movement; music, Pre-School Education; musical development; musical skills; non-conventional materials.

Índice

INTRODUÇÃO	1
PARTE 1 – COMPONENTE TEÓRICA	4
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1. Arte e Educação	6
2. A educação artística e o desenvolvimento de competências individuais.....	8
3. A Expressão Musical no Pré-Escolar	9
3.1. A importância do corpo no desenvolvimento musical	12
3.2. A utilização de instrumentos na exploração sonora.....	13
4. O trabalho de projeto e a sua importância.....	15
5. O Movimento da Escola Moderna	16
PARTE 2 – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO/AÇÃO	20
CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO	21
1. Caracterização do meio envolvente	22
2. Caracterização da instituição	23
3. Caracterização do grupo	23
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA ADOTADA.....	26
1. Seleção da metodologia de investigação.....	27
2. Instrumentos de recolha de dados	29
3. Definição do problema/contexto do projeto.....	31
3.1. Contexto.....	31
3.2. Objetivos do projeto	32
CAPÍTULO 4 - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	33
CAPÍTULO 5 - DESCRIÇÃO DO PROJETO	35
Atividade 1- “À descoberta de sons musicais”	36
Momento inicial da construção do mapa de ideias:.....	40
Atividade 2 - “À descoberta do som”	43
Atividade 3 – “Vamos explorar sons e pôr mãos à obra?”	46
Atividade 4 - “Construção da Área”	51
Construção da “Casa da Música”:	55
Atividade 5 – “Jogo Bingo dos Sons”	56

Atividade 6 – “Jogo rítmico”	59
Atividade 7 – “Orquestra dos tachos”	61
Atividade 8 – “Brincar com os instrumentos”	64
Atividade 9 – “Construção de uma Paisagem Sonora”	68
Divulgação do projeto:.....	70
CAPÍTULO 6 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
ANEXOS	89
APÊNDICES	94

Lista de abreviaturas

1. MEM – Movimento da Escola Moderna
2. OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
3. PNA - Plano Nacional das Artes
4. PSP – Polícia de Segurança Pública
5. SMTUC - Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra
6. SNIPI – Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância
7. UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
8. UNICEF - Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância

Lista de figuras

FIGURA 1 - APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA "A QUINTA DA AMIZADE"	37
FIGURA 2 - EXPLORAÇÃO DOS CARTÕES.....	38
FIGURA 3 - TEIA INICIAL DO PROJETO	41
FIGURA 4 - ILUSTRAÇÕES E PALAVRAS REALIZADAS PELAS CRIANÇAS.....	41
FIGURA 5 - MOMENTO DE VISUALIZAÇÃO DO VÍDEO	44
FIGURA 6 – EXPLORAÇÃO DE MATERIAIS	44
FIGURA 7 – IDEIAS INSERIDAS NA TEIA.....	46
FIGURA 8 – RECADO SOLICITADO ÀS FAMÍLIAS.....	47
FIGURA 9 – EXPLORAÇÃO DOS MATERIAIS EM GRUPO.....	48
FIGURA 10 – EXPLORAÇÃO DOS MATERIAIS EM GRUPO.....	48
FIGURA 11 – REGISTO DO INSTRUMENTO.....	49
FIGURA 12 - REGISTO DO INSTRUMENTO.....	49
FIGURA 13 – CONSTRUÇÃO DOS INSTRUMENTOS.....	49
FIGURA 14 – TEIA DE IDEIAS MAIS COMPLETA.....	52
FIGURA 15 - ELABORAÇÃO DO REGISTO “CASA DA MÚSICA”	53
FIGURA 16 – REGISTO DA “CASA DA MÚSICA”	53
FIGURA 17 – CARTÕES COM INSTRUMENTOS.....	54
FIGURA 18 - CARTÕES COM INSTRUMENTOS.....	54
FIGURA 19 – PINTURA DA CASA.....	55
FIGURA 20 - PINTURA DA CASA.....	55
FIGURA 21 – RESULTADO FINAL DA CASA DA MÚSICA.....	56
FIGURA 22 – DECORAÇÃO DAS LETRAS.....	56
FIGURA 23 – MOMENTO DO JOGO.....	57
FIGURA 24 – MOMENTO DE EXECUÇÃO DO JOGO RÍTMICO.....	60
FIGURA 25 – PREPARAÇÃO PARA REGISTAR O MOMENTO, ATRAVÉS DE UM VÍDEO.....	60
FIGURA 26 – O GRUPO COM OS SEUS “INSTRUMENTOS”	62
FIGURA 27 – MOMENTO DE DESCOBERTA E EXECUÇÃO DO PADRÃO RÍTMICO.....	63
FIGURA 28 – MOMENTO DE IDENTIFICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS CONVENCIONAIS.....	65
FIGURA 29 – MOMENTO DE APRENDIZAGEM E MARCAÇÃO DA PULSAÇÃO.....	66

FIGURA 30 – REGISTO DO MOMENTO.....	66
FIGURA 31 – MOMENTO DE DECORAÇÃO E ENSAIO DA PAISAGEM.....	69
FIGURA 32 – TEIA DE IDEIAS FINAL.....	71
FIGURA 33 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO	73

Lista de quadros

QUADRO 1	34
----------------	----

INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o presente relatório pretende dar a conhecer um projeto de investigação desenvolvido em Educação Pré-Escolar num jardim de infância, em Coimbra, no ano letivo 2020/2021. Durante o estágio surgiu a oportunidade de observar todo o contexto educativo do grupo baseado no modelo o Movimento da Escola Moderna (MEM).

Foi possível presenciar que o dia-a-dia das crianças é orientado por uma agenda semanal onde existe somente um dia dedicado à expressão musical. Apesar de haver um contacto com a música, através de momentos e atividades, as possibilidades de a explorar são escassas. Partindo deste panorama observado e vivenciado, surgiu o interesse e a motivação em proporcionar às crianças o desenvolvimento de competências musicais, artísticas e pessoais, através da utilização de instrumentos não convencionais, do corpo e da voz.

Tendo como referencial as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), a Área de Expressão e Comunicação está interligada com todas as outras áreas de conteúdo e é a única em que se distinguem diferentes domínios que têm uma relação íntima entre si. Esses domínios são “formas de linguagem indispensáveis para a criança interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia” (Silva et al., 2016, p. 43). Esta área básica e primordial na educação de infância permite a apropriação de importantes instrumentos para a aprendizagem noutras áreas, o que a torna muito versátil.

Enquanto ser ativo e curioso, que alinha em desafios e descobertas, a criança vive rodeada de uma panóplia de sons e de uma cultura musical que são importantes para o seu desenvolvimento. A música é uma forma de comunicar com os outros, expressar emoções e afetos e possibilita a realização de aprendizagens em outras áreas do saber importantes na infância.

Através da observação do grupo de crianças foi possível verificar que as Artes, sobretudo a música, assumem um papel importante no seu dia-a-dia. Assim nasceu a proposta de criar um projeto em que o contacto com a música fosse proporcionado através da voz, do corpo e de materiais que se transformam em instrumentos musicais não convencionais.

Definiram-se como outros objetivos: criar um clima de comunicação em que as crianças se expressem e saibam ouvir os colegas do grupo; dinamizar atividades musicais

de iniciativa das crianças ou da estagiária numa perspetiva de promoção do desenvolvimento musical; apoiar e dinamizar o grupo na conceção e construção de uma área de música; desenvolver a expressão musical, a comunicação e expressão oral; e envolver as famílias no desenvolvimento do projeto.

Este relatório encontra-se dividido em duas partes. A primeira, relativa à componente teórica, apresenta um capítulo com a apresentação e revisão da literatura, nomeadamente a fundamentação de alguns temas importantes para uma boa compreensão deste trabalho, tais como a expressão musical, o trabalho de projeto e o Movimento da Escola Moderna.

A segunda parte, relativa ao projeto de investigação/ação, encontra-se dividida em quatro capítulos. No capítulo 2 são apresentadas caracterizações do contexto educativo, sobretudo do meio envolvente, da instituição e do grupo, onde é possível compreender todo o contexto onde o projeto se desenvolveu. No capítulo 3 explicita-se a metodologia de investigação, neste caso uma investigação/ação de natureza qualitativa, e referem-se os instrumentos de recolha de dados utilizados, especialmente a observação participante, os registos em papel e os meios audiovisuais, como fotografias, gravações e vídeos. Ainda neste capítulo, apresenta-se o ponto de partida e o contexto que levaram ao estudo, assim como os objetivos definidos. No quarto capítulo está clarificada a proposta de intervenção desenvolvida e um cronograma do projeto. No quinto capítulo estão descritas todas as atividades e momentos desenvolvidos, acompanhados de registos fotográficos e de breves reflexões, onde é possível ter uma visão geral de todo o projeto. O sexto e último capítulo apresenta os resultados obtidos, a sua discussão e reflexão.

Nas considerações finais realiza-se uma revisão geral de todo o trabalho e destacam-se os aspetos e aprendizagens mais relevantes do trajeto alcançado.

PARTE 1 – COMPONENTE TEÓRICA

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Arte e Educação

“A Arte deve ser a base da Educação”, afirmava H. Read em 1942. A respeito desta afirmação, Arte e Educação podem não ter significados semelhantes, mas andam realmente unidos quanto aos propósitos e metodologias que defendem (Sousa, 2017).

“A Arte é uma linguagem universal, que transmite significados impossíveis a qualquer outro tipo de linguagem, seja esta linguagem semântica, dialógica ou científica.” (Comissão Executiva do Plano Nacional das Artes, 2019, p. 11). Educar para a cidadania, para a transformação social e para o bem-estar coletivo é abranger a dimensão artística e patrimonial.

O Plano Nacional das Artes (PNA), que entrou em vigor em 2019 e se prolonga até 2024, apresenta a sua estratégia e manifesto para que as artes se tornem mais acessíveis às crianças e jovens, através da comunidade educativa, onde a participação, fruição e criação cultural se apresentem de forma inclusiva e como uma aprendizagem ao longo da vida. Atualmente, a Arte é uma “expressão pessoal e cultural que se apresenta como um instrumento essencial no desenvolvimento social e humanista das crianças e dos jovens...” que desenvolve a perceção, imaginação, a capacidade crítica e criativa e assume-se como um instrumento para educar as emoções (Comissão Executiva do Plano Nacional das Artes, 2019, p. 11).

Para Mário Dionísio (1963) a “Arte é uma linguagem. Um tipo de linguagem com que o homem indaga e exprime realidades profundas de si mesmo impossíveis de captar de outra forma”. Alguns autores consideram a Arte como forma de expressão de emoções, como linguagem e como comunicação: “é a linguagem das emoções, a procura de comunicar algo que não é traduzível em palavras e em pensamentos” (Sousa, 2017, p. 55).

Sendo a cultura e a arte componentes essenciais para uma educação completa, que conduz ao pleno desenvolvimento do indivíduo, a educação artística é um direito humano universal para todos. Na Convenção dos Direitos da Criança, podemos ler:

Artigo 29.º - Os Estados Partes acordam em que a educação da criança deve destinar-se a:

- a) Promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicos na medida das suas potencialidades;

[...]

Artigo 31.º - Os Estados Partes respeitam e promovem o direito da criança de participar plenamente na vida cultural e artística e encorajam a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de actividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade (UNICEF, 2019, pp. 24-25).

A educação artística é parte importante, e até obrigatória, no programa educacional, no sentido de se construir uma sociedade criativa e culturalmente consciente, estimulando a reflexão. De acordo com o *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*, “em muitas culturas designa-se por “arte” as expressões que comunicam perspectivas e abrem espaço para reflexão na mente das pessoas” (UNESCO, 2006, p. 9).

Swanwick (2006) também afirma que as artes são “fundamentais para o desenvolvimento da mente, tal como o são outras formas de representação, incluindo a linguagem” (p. 57). A Arte é semelhante ao jogo, porque promove e amplia elementos psicológicos de domínio, imitação e jogo imaginativo, essenciais para desenvolvimento cognitivo.

Nesta perspetiva, a ludicidade e a liberdade são desenvolvidas com as práticas artísticas, que potenciam um espaço onde a contemplação, o lúdico, a descoberta, a gratuidade e a liberdade estão presentes.

É, também, através das artes e das atividades culturais que as crianças e jovens ampliam a quantidade e qualidade de vivências e competências, que reforçam a abertura à comunidade e ao mundo. Assim, a escola deve promover o acesso à diversidade de diferentes linguagens e expressões artísticas.

Num mundo tão desafiante em que se vive, é importante educar as crianças para a incerteza e para os desafios que irão enfrentar. Assim, as artes alimentam a imaginação e criatividade, necessárias para resolver problemas e lidar com o inesperado, fazendo com que se aprenda a gerir a incerteza de forma mais natural sem medo de falhar. Todas estas competências emocionais, sociais, criativas e críticas que as artes proporcionam poderão ser um instrumento essencial de adaptação aos desafios do mundo (Comissão Executiva do Plano Nacional das Artes, 2019).

2. A educação artística e o desenvolvimento de competências individuais

Quando ouvimos falar em educação artística, pensamos nas diferentes expressões desenvolvidas durante a infância e, inerente a elas, na importância que estas têm para o desenvolvimento de competências individuais. Surge, então, a questão “Qual o papel da educação artística no desenvolvimento de competências individuais?”

Em Lisboa, no ano de 2006, surgiu o *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*, que permitiu clarificar esta questão. De acordo com este documento, “a Educação Artística contribui para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte” (p. 6). A participação ativa em processos criativos e artísticos, “permite cultivar em cada indivíduo o sentido de criatividade e iniciativa, uma imaginação fértil, inteligência emocional e uma “bússola” moral, capacidade de reflexão crítica, sentido de autonomia e liberdade de pensamento e acção” (p. 6).

Sir Ken Robinson (como citado em UNESCO, 2006, p. 10), afirma que a imaginação, a criatividade e a inovação estão presentes em todos os seres humanos e podem ser alimentadas e aplicadas. Existe uma forte relação entre estes três processos. A imaginação é a característica distintiva da inteligência humana, a criatividade é a aplicação da imaginação e a inovação fecha o processo fazendo uso do juízo crítico na aplicação de uma ideia.

Na perspectiva de Alberto B. Sousa (2017), as artes que se constituem como a linguagem dos afetos (emoções, sentimentos), “oferecem uma possibilidade única de desenvolvimento completo do ser, de formação equilibrada da personalidade, que nenhuma outra área consegue atingir.” (p. 113). Este autor defende que a formação do ser é uma área essencial na educação, que proporciona o desenvolvimento de capacidades e percebe o modo como a criança experiencia e vivencia a sua vida.

Ainda salienta que a formação do ser “não pode ser ensinada de forma direta”, mas pode ser “proporcionada pela escola através das áreas de desenvolvimento artístico.” (p. 113).

Na própria Constituição da República Portuguesa, no ponto 2 do artigo 73.º, define-se como principal objetivo da educação o “desenvolvimento da personalidade” referindo-se à formação do ser (Lei n.º 1/2005, 2005).

Partindo destas afirmações, é possível compreender a importância que a arte tem na educação de um indivíduo e como as competências individuais são desenvolvidas.

Como foi refletido anteriormente, a música é encarada como uma linguagem; por isso, através dela é possível expressar e comunicar com os outros. Sendo uma linguagem, “ajuda o ser humano a expressar com mais facilidade as suas emoções, sentimentos e principalmente a ser criativo” (Goés, 2009, p. 32). Na educação, a música contribui para “a formação e desenvolvimento da personalidade da criança, pela ampliação cultural, enriquecimento da inteligência e pela evolução da sensibilidade musical” (Goés, 2009, p. 32).

Na visão de Edwin Gordon (2000), “A música é única para os seres humanos e, como as outras artes, é tão básica como a linguagem para a existência e o desenvolvimento humanos” (p. 6). Com a música “as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias, aos outros e à vida. E [...] são mais capazes de desenvolver e sustentar a sua imaginação e criatividade ousada.” (p. 6)

Para além disto, a música é um “excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento”, além de ser um forte meio de interação social (Goés, 2009, p. 8).

Alguns teóricos da educação defendem que a “criança até aos seis anos de idade centra os seus interesses artísticos essencialmente nos aspetos mais sensoriais e manipulativos dos materiais sonoros e plásticos e, gradualmente, nos elementos expressivos que esses materiais assumem.” (Godinho & Brito, 2010, p. 15).

Desenvolve-se o imaginário, criam-se e atribuem-se significados e edificam-se a compreensão e o conhecimento artístico do adulto.

3. A Expressão Musical no Pré-Escolar

É importante abordar a Expressão Musical e refletir acerca da sua importância nesta etapa educativa, visto que se assume como a expressão primordial no Projeto de Investigação.

A música na educação pré-escolar revela-se como uma forma de entretenimento e prazer, mas, mais importante do que isso, como um meio de expressão e comunicação que é desenvolvido, desde cedo, pelas crianças. Através da expressão musical, a criança comunica, representa, exprime e compreende o mundo ao seu redor, desenvolvendo inúmeras aprendizagens, e desperta a sua atenção para o mundo dos sons, desde os mais simples aos mais complexos.

Gordon (2003) defende que a aprendizagem da música deve ser como a aprendizagem da linguagem e que todo o processo de preparação da aprendizagem da língua materna deve ser idêntico à aprendizagem da música: “Although music is a universal literature and not a linguistic language, because it has no grammar, children learn music in much the same way they learn language.” (p.5).

Esta fase de preparação designa-se de *audiação*, “a capacidade de ouvir e compreender musicalmente quando o som não está fisicamente presente” (Rodrigues, 1998, p. 17). Uma criança que, desde pequena, tenha sido exposta a um ambiente musical muito estimulante, começa a exercer esta capacidade na idade pré-escolar e ao longo dos diversos estádios de desenvolvimento musical que o pedagogo defende, os estádios da aculturação, da imitação e da assimilação. Resumindo, a criança, inicialmente, é exposta a um meio musical, próprio da sua cultura envolvente, posteriormente começa a reproduzir e imitar aquilo que ouve para adquirir vocabulário musical e, com a orientação do educador/professor, começa a ser consciente das suas aprendizagens e a ser autónomo (Rodrigues, 1998).

A musicalidade emerge num meio rico em música, tal como a literacia surge num meio onde há riqueza de linguagem e vocabulário. “O desenvolvimento musical das crianças e a sua capacidade de comunicarem, através da música, floresce em culturas e contextos em que os membros da comunidade valorizam e apreciam música” (Hohmann e Weikart, 2011, p. 658).

Partindo desta perspetiva, as crianças mais novas são muito recetivas a ouvir, a fazer música e a movimentarem-se ao som dela. Por estes motivos, a música é tão importante na infância e torna-se numa outra linguagem, através da qual aprendem coisas novas sobre si mesmas e sobre os outros (Hohmann e Weikart, 2011).

Do ponto de vista de Edgar Willems, a música é um jogo nobre e é “necessário apresentar os elementos da educação musical como se se tratasse sempre de um jogo”

(Willems, 1981, como cit. por Cervera et al., 1997, p.1337). O jogo na infância é um bom recurso para motivar e cativar e é uma necessidade da criança, logo, é um elemento-chave na educação musical.

Como Helena Rodrigues (2000) refere, “a aprendizagem da música deve ser iniciada o mais cedo possível de forma a permitir ao sujeito uma compreensão mais profunda da linguagem musical” (p. 37). Assim, irá adquirir capacidades amplas de se exprimir através desta forma de expressão.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), a expressão musical insere-se na Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Educação Artística. Esta engloba a interligação entre audição, interpretação e criação. O primeiro aspeto relaciona-se com a identificação e descrição de elementos musicais, nomeadamente escutar sons e ruídos e identificá-los; a interpretação relaciona-se com a reprodução de frases musicais, através de cantos rítmicos, jogos prosódicos ou canções; e a criação relaciona-se com as intencionalidades expressivas, através da elaboração de improvisações musicais utilizando recursos sonoros, como os instrumentos, a voz ou o corpo (Silva et al., 2016).

Na educação pré-escolar, as atividades relacionadas com a música, e até com as outras expressões, assentam em expressão, fruição, experimentação e descoberta, pilares essenciais para a construção de aprendizagens futuras (Godinho & Brito, 2010).

É importante salientar que esta forma de expressão e comunicação possibilita aprendizagens diversas e o desenvolvimento da criança a vários níveis: físico, pessoal, afetivo, social e cognitivo.

Tal como está presente nas OCEPE (2016), outro aspeto muito importante na aprendizagem musical é a compreensão do silêncio como condição para a verdadeira escuta. Este “possibilita identificar, memorizar reproduzir e explorar as características dos sons: ritmo, melodia, dinâmica, timbre e forma” (p. 55). Helena Rodrigues (2000) refere que “o silêncio permite assimilar, ouvir interiormente, rever na imaginação sonora aquilo que foi previamente assimilado” (p. 34). As crianças devem apropriar-se da maior diversidade de sons possível, pois maior será o seu “reportório sonoro” e maior será a sua capacidade de imaginar. Para além disso, costumam interiorizar melhor nos períodos de silêncio.

Quanto mais cedo os pais ou os educadores apoiarem e incentivarem a criança para a música, mais cedo ela vai criar os alicerces necessários para o seu desenvolvimento educativo e para a sua primeira educação formal (Gordon, 2000).

3.1. A importância do corpo no desenvolvimento musical

Para o desenvolvimento musical é fundamental o movimento corporal estar presente. Desde pequena, que a primeira reação da criança a um som ou à música é corporal, passando pelo mexer as mãos, bater os pés, bater palmas ou, até, movimentar os membros do corpo. A criança, ao ouvir um som ou uma canção, tem a espontaneidade e naturalidade de mover o seu corpo, desenvolvendo o sentido rítmico e estabelecendo uma ligação intrínseca entre a música e a dança (Silva et al., 2016).

A expressão corporal é a atitude especificamente humana que, partindo da vivência do próprio corpo, permite ao indivíduo conectar-se consigo próprio e, conseqüentemente, exprimir-se e comunicar com os outros. [...] definiu-se expressão corporal como a linguagem que se serve do gesto, do rosto e da posição do corpo e dos vários membros (Cervera et al., 1997, p. 1437).

O pedagogo Émile Jaques-Dalcroze foi defensor de que a música e o movimento corporal andam sempre de mãos dadas, referindo que o corpo é um instrumento natural para praticar o ritmo. Segundo este pedagogo, o ritmo já nasce com o ser humano, sendo inato; daí, a teoria que este autor desenvolveu ser intitulada de Euritmia. A euritmia desenvolve o sentido muscular de tempo e espaço, o que proporciona a oportunidade de usar o corpo como um meio de expressão natural e espontâneo (Del Picchia et al., 2013).

Através do movimento corporal, a criança expressa o seu ritmo natural, representa elementos musicais, expressa a música segundo relações de “espaço, tempo e energia” e cria e responde às improvisações ou criações de outros. A partir de todas estas características, a criança vai adquirindo consciência rítmica e conhecimentos de divisão de tempo e espaço, noções que são importantes para o desenvolvimento musical (Del Picchia et al., 2013).

É importante refletir que o corpo é fundamental na aprendizagem musical, assim como na aprendizagem de outras capacidades ou conquistas. Permite exercitar a

criatividade e o imaginário, a livre expressão, as emoções e os sentimentos. Como Dalcroze defende, a música é como uma linguagem ativa, que desenvolve o corpo e a mente e assume-se como uma forma de manifestar os sentimentos e emoções, não devendo ser, de todo, uma prática mecanizada (Del Picchia et al., 2013).

O psicólogo Howard Gardner afirma que “as crianças pequenas relacionam, de forma natural, a música e o movimento corporal, achando virtualmente impossível cantar sem acompanhar essa ação com atividade física” (Gardner, 1983, como citado em Hohmann e Weikart, 2011, p. 657).

De forma natural e implícita, a música e o corpo estão relacionados e andam de mãos dadas. Assim, as crianças, ao desenvolverem competências musicais, desenvolvem competências motoras e de coordenação, fundamentais para o seu desenvolvimento holístico.

“O corpo humano, como conjunto e soma de instrumentos, oferece muitas possibilidades para o acompanhamento” (Cervera et al., 1997, p. 1383). Quando uma criança bate palmas, assobia ou bate com a palma da mão numa mesa, por exemplo, está a acompanhar ritmicamente a canção com instrumentos naturais. A elevada e espontânea criatividade e imaginação de uma criança são enormes: qualquer parte do corpo é útil para um acompanhamento rítmico.

3.2. A utilização de instrumentos na exploração sonora

Desde muito cedo, que as crianças são atraídas pelos processos de produção sonora e manifestam interesse e prazer em tocar num tambor ou chocalhar em maracas (Godinho & Brito, 2010). Nesta etapa, a criança adora manipular e utilizar musicalmente os instrumentos e atribui-lhes um sentido, usando-os de diversas formas.

É muito importante a criança ter contacto com os instrumentos musicais convencionais, aqueles que são contruídos de raiz para fazer música, mas o contacto inicial é, geralmente, realizado com os *instrumentos naturais* e com os não convencionais.

O acompanhamento rítmico relaciona-se com o uso de instrumentos musicais, sobretudo os de percussão de som indeterminado. Contudo, geralmente inicia-se com *instrumentos naturais*, ou seja, sons que o corpo humano é capaz de produzir, oferecendo inúmeras possibilidades de acompanhamento. Depois do contacto com os naturais,

utilizam-se os instrumentos de percussão de grande valor educativo, segundo muitos pedagogos, assim como a utilização de alguns objetos que produzem som (Cervera et al., 1997).

Como Cervera et al. (1997) referem, “muitos instrumentos ou objetos de uso quotidiano podem usar-se como instrumentos de percussão de som indeterminado, sem necessidade de transformação alguma” (p. 1386). Um qualquer tipo de material ou objeto pode ser adaptado para fazer música e transforma-se num instrumento musical: cascas de frutos secos, latas vazias, conchas, bocados de madeira ou, mesmo, objetos de uso quotidiano ou reutilizáveis.

É de salientar que os instrumentos musicais de percussão e, também, os instrumentos não convencionais, oferecem uma série de possibilidades associadas a diferentes áreas como:

- “a psicomotricidade;
- a produção de sons, destinados principalmente ao acompanhamento, e
- o carácter lúdico da música, já que todos os gestos e movimentos utilizados no manejo de instrumentos de todo o tipo se incorporam ao jogo” (Cervera et al., 1997, p. 1383)

O contacto com este tipo de instrumentos poderá, também, abrir caminho ao interesse pelos instrumentos convencionais.

Segundo Gordon (2000),

não há uma idade cronológica correta em que os alunos devam começar a estudar um instrumento musical. O que sabemos, porém, é que quanto mais pequenos forem os alunos, quando começam a tocar um instrumento, melhor conseguem desenvolver a sua técnica e competência de audição e, logo, em última análise, mais conseguem aprender (p. 357).

Quanto mais cedo uma criança iniciar o contacto com um instrumento, mais facilmente o consegue aprender e mais predisposição terá para adquirir competências essenciais à aprendizagem musical.

4. O trabalho de projeto e a sua importância

Na educação de infância, a criança é o sujeito e o agente do processo educativo e, partindo das suas experiências, os seus saberes e competências únicas devem ser valorizados (Silva et al., 2016).

Como o desenvolvimento da criança processa-se como um todo e a aprendizagem assume uma forma holística, é essencial realizar uma construção progressiva de modo a existir uma articulação entre as áreas de conteúdo. Desta forma, a metodologia do trabalho de projeto é ativa, construtivista e implica a criança em processos de investigação (Katz e Chard, 1997, como citado em Vasconcelos et al., s.d.).

Alguns autores definem a metodologia de trabalho de projeto de diversas formas:

- Poderá ser uma abordagem pedagógica centrada em problemas, ou “um estudo em profundidade sobre determinado tema ou tópico” (Katz e Chard, 1982, p. 2, como citado em Vasconcelos et al., s.d.);
- “Uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes, envolvendo trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder aos problemas encontrados” (Leite, Malpique e Santos, 1989, p. 140, como citado em Vasconcelos et al., s.d.);
- Sartre afirma que um “projeto é a afirmação do ser humano pela acção”, o que implica, no contexto atual, que as crianças estão em projeto sendo, simultaneamente, “autoras de si próprias” (Vasconcelos et al., s.d.).

Todas estas definições remetem para a participação, interesse, colaboração, estudo, palavras-chave desta metodologia.

O trabalho em projetos é a forma mais eficaz de desenvolver competências fundamentais para uma verdadeira cultura científica, pois sustenta as aprendizagens na investigação, na pesquisa, na recolha de dados e seu tratamento, na elaboração de produtos culturais e na comunicação do processo e produto final, validando socialmente todo o trabalho (Guedes, 2011, p. 5).

A mesma autora defende que existem três tipos de projetos: “os temáticos de estudo e/ou de investigação científica, os técnico-artísticos e os de intervenção social.” (p. 6). Todos estes tipos de projetos têm um propósito diferente: os temáticos de estudo partem de uma questão, os técnico-artísticos “apelam para as atividades de construção ou produção de obras artísticas” e os de intervenção social remetem para a preocupação de mudar o meio em que as crianças vivem (Guedes, 2011, p. 7).

“Enquanto aprendizes ativos, as crianças desenvolvem os seus próprios interesses, encontram as respostas para as suas próprias perguntas e partilham as suas descobertas com os outros” (Hohmann e Weikart, 2011, p. 15).

Partindo desta citação de Hohmann e Weikart, podemos afirmar que os projetos têm vantagens positivas e marcantes nas crianças: sustentam as aprendizagens na investigação, na pesquisa, na recolha e tratamento de dados, na elaboração de produtos culturais e na comunicação do processo e produto final, validando socialmente todo o trabalho. Permitem explorar competências fundamentais, como a cooperação, a autonomia e responsabilidade e desenvolvem hábitos da mente que serão duradouros: a capacidade de imaginar, de prever, de explicar, de pesquisar, de inquirir (Katz e Chard, 2009).

Também possibilitam o exercício de processos de aprendizagem ativos e estimulantes, que promovem o sucesso de todos os elementos de uma comunidade de aprendizagem, visto que existe a partilha e troca de saberes (Guedes, 2011). As crianças são encaradas como seres competentes e capazes, como investigadores que querem descobrir o mundo, sabendo que podem e devem resolver problemas. Estas gerem o seu próprio processo de aprendizagem com o apoio do adulto e com a ajuda dos outros (Vasconcelos, et al., s.d.).

5. O Movimento da Escola Moderna

Toda a prática pedagógica da instituição é baseada no modelo pedagógico, o Movimento da Escola Moderna (MEM). Ambas as valências seguem o modelo: a organização da creche é realizada segundo os princípios do MEM e tendo em consideração o Manual de Avaliação da Qualidade, proposto pelo Instituto da Segurança

Social e o ensino Pré-Escolar segue o modelo e as OCEPE, propostas pelo Ministério da Educação.

“O MEM propõe-se construir, através da ação dos professores que o integram, a formação democrática e o desenvolvimento sociomoral dos educandos com quem trabalham, assegurando a sua plena participação na gestão do currículo escolar” (Movimento da Escola Moderna, s. d.).

Este modelo sugere o desenvolvimento da democracia, da autonomia, da responsabilidade e da cooperação entre as crianças. Apresenta três grandes finalidades formativas: “a iniciação a práticas democráticas; a reinstituição dos valores e das significações sociais; a reconstrução cooperada da cultura” (Niza, 1992, como citado em Folque, 2014). Estas centram-se no desenvolvimento pessoal, social e cultural de professores e alunos, enquanto cidadãos ativos e democráticos (Folque, 2014).

“A conceção de aprendizagem da pedagogia do MEM foi profundamente influenciada pelo trabalho de teóricos socioconstrutivistas, como Vygotsky e Bruner” (Folque, 2014, p. 61). Partindo desta citação, a aprendizagem é estruturada por interações com pares e adultos e pelos instrumentos utilizados no espaço escolar e realiza-se através da participação ativa das crianças em atividades estruturadas, onde a importância dos contextos (espaço, materiais, tempo e atividades) e dos instrumentos intelectuais são primordiais (Folque, 2014).

“O Modelo do MEM propõe um currículo baseado em problemas e motivações da vida real, apresentados de modo funcional e pragmático” (Dewey, 1956, como citado em Folque, 2014, p. 54). É importante proporcionar ambientes educativos integrados no meio cultural e relacionados com a realidade da vida social. As experiências de vida e os saberes das crianças são tidos em conta para o processo de aquisição de novas aprendizagens.

Os instrumentos de pilotagem, registo e avaliação tais como o mapa de presenças, o diário de grupo, a lista de projetos, o mapa de atividades, a agenda semanal, o mapa de tarefas, os inventários e o “quero mostrar, contar ou escrever”, gerem todo o trabalho de aprendizagem desenvolvido e documentam a vida do grupo, ajudando as crianças e o educador a orientar o que acontece na sala (Niza, 1996).

O mapa de presenças é um quadro mensal onde, na parte superior, se encontram os dias da semana e o mês e, na coluna da esquerda, se encontram os nomes de cada criança. Todas as manhãs cada criança marca a sua presença.

O mapa de atividades consiste num planeamento e registo das atividades que as crianças escolhem diariamente. Na coluna da esquerda estão os nomes e na linha superior horizontal estão as áreas das atividades. Cada criança seleciona a atividade que quer fazer e compreende e gere todo o seu trabalho em sala, refletindo sobre ele. Permite a observação das atividades que já foram escolhidas muitas vezes e aquelas que têm de se realizar mais.

Cada área da sala contém um inventário, uma lista de materiais e atividades ilustrada pelas crianças. Este inventário auxilia e permite recordar o que pode ser feito naquela área.

A agenda semanal organiza o tempo de cada um dos dias da semana, com cinco horas diárias. Esta é realizada pela educadora e pelas crianças no início do ano, contudo, é flexível e suscetível a alterações, dando resposta às necessidades e interesses das crianças.

O diário de grupo é o instrumento que reflete a gestão cooperada e democrática da vida do grupo, no qual se registam os incidentes, desejos, conflitos ou relatos de acontecimentos da semana. É composto por quatro colunas “Não gostamos”, “Gostamos”, “Fizemos” e “Queremos fazer”. Durante a Reunião de Conselho, à sexta-feira, os conteúdos expressos no diário são analisados e discutidos, por todo o grupo (Folque, 2014).

A comunicação neste modelo é fundamental, pois como Sérgio Niza refere “não é possível construir aprendizagens sem falar e escrever as aprendizagens” (Niza, 2013, como citado em Ó, 2014, p. 3), ou seja, é necessário criar ambientes onde as crianças possam falar, exprimir o conhecimento, escrever o conhecimento e pô-lo a circular, na sua comunidade, para perceberem como conhecer é socialmente útil.

A comunicação assume um papel central nesta pedagogia, constituindo-se como um meio de desenvolvimento social e cognitivo. A função cognitiva surge quando as crianças falam das suas ações ou experiências, desenvolvendo uma reflexão que lhes permite compreender e estruturar o que querem comunicar; e a função social surge, quando a informação é partilhada e divulgada para a “comunidade” do grupo (Folque, 2014).

A aprendizagem curricular é feita, essencialmente, através de projetos. Por vezes, “alguns dos desejos, perguntas e problemas das crianças não podem ser respondidos

através de atividades simples e limitadas” (Folque, 2014, p. 59). Os projetos sustentam as aprendizagens na investigação, na pesquisa, na recolha e tratamento de dados, na elaboração de produtos culturais e na comunicação do processo e produto final, validando socialmente todo o trabalho. Estes permitem desenvolver competências fundamentais, como a cooperação, a autonomia e responsabilidade e desenvolvem hábitos da mente que serão duradouros: a capacidade de imaginar, de prever, de explicar, de pesquisar, de inquirir (Katz e Chard, 2009).

PARTE 2 – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO/AÇÃO

CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO

1. Caracterização do meio envolvente

A instituição em que se desenvolveu o projeto de investigação/ação entrou em funcionamento no ano de 1999 e apresenta-se como uma instituição de cariz social e solidário. Estas instituições são “constituídas por iniciativa de particulares, sem finalidade lucrativa, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos, que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico...” (Instituto da Segurança Social, 2014, p. 4).

Situa-se na área geográfica da freguesia de Santa Cruz, no centro da cidade de Coimbra, denominada de Baixa ou Centro Histórico. Esta pertence à União de Freguesias de Coimbra, das quais também fazem parte Sé Nova, Almedina e São Bartolomeu. Segundo os censos provisórios de 2021, residem 13 882 habitantes nesta união (Instituto Nacional de Estatística, 2021).

A freguesia de Santa Cruz é de carácter urbano, predominante em comércio e serviços como uma farmácia, correios, bancos, supermercados, cafés, restaurantes, lojas de comércio, PSP e agências seguradoras. É servida por transportes rodoviários (Rodoviária Nacional e SMTUC). Apesar de urbana, é rodeada de espaços rurais e verdes aos quais as crianças têm acesso, como o Penedo da Saudade, o Jardim de Santa Cruz, o Jardim dos Patos, o Jardim da Sereia, o Jardim Botânico, entre outros (Pinho, 2010).

O traço mais marcante é a sua riqueza patrimonial, que se pode classificar como a mais monumental das freguesias da Cidade de Coimbra: o Mosteiro de Santa Cruz, o Jardim da Manga, a Rua da Sofia e Colégios Universitários, casario típico da parte baixa de Coimbra, Fonte da Madalena, Fonte Nova, Igreja Matriz da Pedrulha... são exemplos maiores de um vasto património, que tem atraído a Coimbra milhares de turistas e simples visitantes. Isto torna-a com um valor superior de âmbito local, nacional e universal (Pinho, 2010).

As famílias das crianças atualmente a frequentar a instituição têm situações socioeconómicas muito diversificadas situando-se entre os quadros superiores, possuidores de grau académico de mestrado ou licenciatura, e as profissões não qualificadas, como os serviços de limpeza ou da construção civil. Muitas crianças deslocam-se até à instituição de transporte público ou a pé, devido ao difícil acesso onde a mesma se encontra, perto de ruas estreitas e de sentido único, aspeto característico das zonas históricas.

2. Caracterização da instituição

A instituição possui duas valências em funcionamento, Creche e Jardim de Infância, e compreende dois imóveis: o edifício sede e um segundo edifício.

O edifício sede é distribuído por dois pisos: o primeiro piso, onde se situa um “salão” de entrada, a secretaria, a cozinha, uma sala de Jardim de Infância, três casas de banho para crianças, uma casa de banho de adultos, um refeitório de crianças e outro de adultos; o segundo piso, onde se situa um dormitório, um vestiário, uma sala de isolamento, os serviços de lavandaria e quatro despensas para arrumação de equipamento e material diverso.

O segundo edifício é distribuído por dois pisos, onde se situam cinco salas de Creche (berçário, uma sala de 1 ano, uma sala de transição (1/2 anos), uma sala de 2 anos), duas salas de Jardim de Infância, dois refeitórios, uma copa comum, uma copa de leites, quatro casas de banho para crianças, duas casas de banho para adultos, uma sala de mudas de apoio ao berçário, um vestiário, uma sala de educadoras, uma sala polivalente, uma sala de isolamento e duas despensas. Os dois edifícios possuem um espaço exterior, com as devidas delimitações e encontram-se vedados.

A instituição baseia-se em princípios e valores do modelo pedagógico Movimento da Escola Moderna, como a justiça, a reciprocidade e solidariedade, que organizam todo o trabalho desenvolvido com as crianças.

Foi possível observar que o ambiente educativo da instituição é caracterizado por um bom espírito de equipa, onde todos os profissionais se conhecem e interagem, tendo em comum a crença nos valores e princípios da metodologia do MEM. Um dos grandes objetivos é favorecer o desenvolvimento da criança de forma equilibrada, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.

A relação entre a instituição e as famílias é frequente e realizada a qualquer momento, baseando-se no respeito, partilha e cooperação.

3. Caracterização do grupo

A “Sala Azul”, uma das três salas existentes no jardim de infância, é constituída por um grupo de 22 crianças, sendo 10 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Trata-se de um grupo homogéneo, no que diz respeito à idade: a maior parte das crianças tem cinco anos, tendo algumas, ainda, quatro anos.

Apresenta-se como um grupo equilibrado, mas com algumas diferenças significativas quanto ao nível de desenvolvimento. Duas crianças têm dificuldades assinaláveis e beneficiam de apoio especial, por parte do SNIPI (Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância). De acordo com o Decreto-Lei nº 54/2018, entende-se por «Intervenção precoce na infância», “o conjunto de medidas de apoio integrado, centrado na criança e na família, incluindo ações de natureza preventiva e reabilitativa, designadamente no âmbito da educação, da saúde e da ação social” (Decreto-Lei nº 54/2018, 2018).

O grupo já tem bastante domínio sobre a metodologia de trabalho, o MEM, sobre o modo como o dia a dia se desenvolve e já consegue tomar mais iniciativas, dar mais sugestões, tomar mais decisões e, portanto, dominar muito mais o processo educativo. As crianças demonstram-se ativas e participativas, comentando e opinando sobre as atividades e os processos, e intervêm, frequentemente, em tudo o que acontece na vida do grupo.

Em relação às competências linguísticas, todas as crianças são capazes de realizar um discurso coerente, expressando as suas ideias, tomando iniciativas e dando sugestões. As crianças que beneficiam de apoio especial manifestam algumas dificuldades para se expressar e, também, ao nível da aquisição da linguagem.

Ao nível cognitivo, todas as crianças se interessam pelas áreas que têm na sala, que permitem desenvolver diferentes competências no domínio da matemática, da linguagem oral e abordagem à escrita, da educação artística e da área de conhecimento do mundo. As áreas que despertam mais interesse são a do “faz de conta” e a das ciências, mas, de um modo geral, o grupo já compreende que é importante estar em todas as áreas, pois cada uma delas oferece inúmeras e diferentes aprendizagens.

Relativamente às competências sociais, todas as crianças têm uma boa relação com a educadora e com a auxiliar, evidenciando respeito e afetividade. Neste grupo, é evidente o bom relacionamento entre as crianças, denotando-se uma interajuda entre elas e um bem-estar emocional positivo, que é aparente em momentos de grande grupo e pequeno grupo. Por vezes surgem alguns conflitos, que proporcionam agitação, inquietude ou algum comportamento menos positivo, mas são logo resolvidos com a intervenção dos adultos.

As expressões, musical, plástica, dramática e motora, são valorizadas e experimentadas de várias formas. Foi possível observar o interesse, curiosidade e satisfação que o grupo tem em vivenciar as expressões, sobretudo a musical e a motora.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA ADOTADA

Considera-se pertinente abordar a metodologia adotada nesta investigação. Assim, é apresentada a escolha da metodologia utilizada e são destacados os instrumentos de recolha de dados utilizados no desenvolvimento deste projeto.

1. Seleção da metodologia de investigação

Os projetos de investigação são muito frequentes no campo da educação e das ciências sociais. Este campo encontra-se em constante mudança e dedica-se a acompanhar uma sociedade evoluída e em transformação. Estes projetos assumem uma dimensão política, preocupando-se com a abordagem científica da realidade e sugerindo recomendações para a mudança.

Segundo Bell (1997), “uma investigação é conduzida para resolver problemas e para alargar conhecimentos sendo, portanto, um processo que tem por objetivo enriquecer o conhecimento já existente” (p. 14). Por parte dos profissionais de educação, deve haver um trabalho contínuo de aprendizagem, no sentido de facilitar a compreensão de diferentes ações educativas.

Tendo em conta o contexto onde se realiza a investigação, faz todo o sentido falar em investigação-ação.

A investigação-ação não é um método nem uma técnica. Consiste numa abordagem que se revela particularmente atraente para os educadores devido à sua ênfase prática na resolução de problemas, por serem profissionais [...] que levam a cabo a pesquisa e esta visar um maior entendimento e aperfeiçoamento do desempenho *durante um certo período* (Bell, 1997, p. 22).

De acordo com Stenhouse (1984), a função da investigação-ação em geral é capacitar os práticos a estudarem os seus problemas cientificamente, de forma a orientarem, corrigirem e avaliarem as suas decisões práticas e ações e isso é usado primeiramente como uma ferramenta de mudança social (Moura, 2003, p. 14).

Bogdan & Biklen (2013) apresentam cinco características ao falar em investigação qualitativa, clarificando que “nem todos os estudos que consideraríamos qualitativos patenteiam estas características com igual eloquência” e que alguns deles são “totalmente desprovidos de uma ou mais das características.” (p. 47). As cinco características são:

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.
2. A investigação qualitativa é descritiva.
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.
4. Os investigados qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. (pp. 47-50).

O termo investigação-ação é definido por Lomax (1990) como “uma intervenção na prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria” (Latorre, 2003, p. 24). Esta definição é a que mais se aproxima e relaciona com o projeto desenvolvido, apresentando-se como “uma metodologia de planificação, reflexão, estratégias e ação” (Fonseca, 2012, p. 21).

Durante a etapa de observação que a metodologia de trabalho de projeto foi a escolhida para estudar acontecimentos e procurar soluções para a problemática em estudo. Fez todo o sentido, primeiro, porque o próprio modelo pedagógico do MEM adota esse método no processo educativo. Segundo, porque, após uma pesquisa e aprofundamento acerca da metodologia, esta revelou-se a mais indicada para a investigação.

O público alvo está familiarizado com esta prática de trabalho, que encara como um sistema aberto que proporciona novos conhecimentos e é transdisciplinar. Através desta prática, aprende-se a “interpretar e abordar problemas”; “a contestar interpretações, lendo o ambiente”; a procurar “recursos locais, negociando significados” (Vasconcelos et al., s. d., p. 21).

2. Instrumentos de recolha de dados

Os dados recolhidos desta investigação designam-se de qualitativos, e segundo Bogdan & Biklen (2013), referem-se “aos materiais em bruto que os investigadores recolhem no mundo que se encontram a estudar.” (p. 149). São os dados que “incluem os elementos necessários para pensar de forma adequada e profunda acerca dos aspectos da vida que pretendemos explorar.” (Bogdan & Biklen, 2013, p.149).

- Observação

A observação foi o instrumento central desta investigação, porque é um dos instrumentos de recolha de dados mais usados em investigações qualitativas. O tipo de observação mais frequente foi a participante.

Karla Fonseca, baseando-se no autor Antonio Latorre (2004), destaca que a “observação participante é considerada um método interativo, uma técnica de observação direta, pois implica a presença do observador nos acontecimentos que está a observar [...] o investigador torna-se um conhecedor mais profundo da realidade” (Fonseca, 2012, p. 25).

Do ponto de vista de Correia (2009), “A Observação Participante é realizada em contacto directo, frequente e prolongado do investigador, com os actores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa” (p. 31).

Partindo deste ponto de vista, a observação participante permite observar o que os sujeitos fazem, as características físicas e sociais, no sentido de se procurar uma visão global do contexto (Correia, 2009).

De acordo com Martins (1996), a observação participante é uma metodologia adequada para o investigador “apreender, compreender e intervir no contexto escolar.” (p. 269).

No decorrer do projeto esta metodologia esteve sempre presente e permitiu recolher dados necessários para mais tarde analisar e tirar conclusões.

- Meios Audiovisuais

Os registos fotográficos e as gravações em áudio e vídeo foram instrumentos privilegiados e recorrentes ao longo do projeto. Previamente foi acautelada a autorização

dos encarregados de educação que, no início do ano letivo, autorizaram os registos fotográfico, áudio e vídeo.

As fotografias possibilitam uma análise da evolução das crianças pois, através da sua observação, consegue-se analisar e interpretar visualmente. Na perspetiva de Máximo-Esteves (2008), a fotografia permite captar imagens “para mais tarde serem analisadas e reanalisadas” (p. 91). Mais tarde, o profissional pode observar ao pormenor as atividades ou aprendizagens da criança, fazendo uma análise retrospectiva e avaliativa.

Segundo Bogdan & Biklen (2013), as fotografias “são muitas vezes utilizadas para compreender o subjetivo e frequentemente analisadas indutivamente.” (p. 183). Também fornecem “imagens para uma inspeção intensa posterior que procura pistas sobre relações e atividades” (p. 189).

Fonseca (2012) refere que as fotografias são “fiáveis, credíveis e permitem uma análise retrospectiva dos assuntos”, sendo uma técnica de eleição na Investigação-ação (p. 26).

Todo o trabalho musical realizado com as crianças foi registado para uma posterior apreciação e fruição e para não se correr o risco de serem perdidas ou esquecidas. Assim, considerou-se fundamental proceder à gravação das atividades musicais em áudio ou, de preferência, em vídeo, o que permitirá preservar o trabalho realizado, assim como a observação, escuta e análise por parte de todos os envolvidos. “É estimulada a crítica e a avaliação por parte das crianças, face aos seus próprios desempenhos e aos dos outros.” (Godinho & Brito, 2010, p. 13).

As gravações em áudio permitem “captar a interação verbal e registar as conversas de um modo detalhado” (Fonseca, 2012, p. 26). Do ponto de vista da mesma autora, a gravação em vídeo é uma ferramenta indispensável pois “associa a imagem em movimento ao som” permitindo ao investigador “obter um *feedback* visual e auditivo da realidade estudada” (p. 26).

O investigador pode rever as gravações sempre que quiser e detetar factos ou detalhes que, anteriormente, possam ter escapado.

- Registos em papel

Os registos em papel foram frequentes ao longo da investigação. Como Bogdan & Biklen (2013) afirmam “é típico que o investigador escreva, de preferência num

processador de texto ou computador, o que aconteceu.” Normalmente os registos “dão uma descrição das pessoas, objectos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas” ou evidenciam “ideias, estratégias, reflexões e palpites” (p. 150).

Spradley (1980) nomeia de anotações os dados objetivos e sentimentos subjetivos que o observador vai recolher, que podem ser registadas imediatamente ou mais tarde. Também realça que é importante registar o que se vê e o que se experimenta.

Para Latorre (2004) as notas pessoais que se destinam a analisar a informação recolhida são os memorandos analíticos que “fazem com que o investigador leia e reflita (...) ao longo do projeto de investigação” (Fonseca, 2012, p. 25).

3. Definição do problema/contexto do projeto

3.1. Contexto

Ao longo do tempo, em contexto de estágio, foi possível observar que as crianças contactam poucas vezes com a música, havendo somente um dia da semana destinado à realização de atividades de expressão musical. O modelo pedagógico define uma agenda semanal com as atividades a realizar, e as expressões, nomeadamente a musical e a dramática, são pouco exploradas. Penso que um dia é manifestamente pouco, dada a importância que estas expressões têm para o desenvolvimento global da criança.

É de salientar que o grupo contacta com diversas canções, mas não foi observado qualquer tipo de contacto com os instrumentos musicais de percussão que a instituição tem.

Foi observado que o grupo, quando canta canções e contacta com a música, mostra interesse, satisfação e demonstra curiosidade e predisposição para aprender e saber mais. É possível constatar que existem poucos recursos ao nível de instrumentos musicais e pouco contacto com a música de outras formas, como ao nível corporal e instrumental.

Assim, com este projeto pretende-se combater a lacuna existente no contacto com a expressão musical, através da oferta de mais e novas experiências musicais; e que o contacto com a expressão musical contribua para o despertar das crianças para outras aprendizagens.

3.2. Objetivos do projeto

Perante o contexto apresentado, surgiu a ideia e intenção de mudar esta situação e contribuir para que as crianças possam contactar com a música de várias formas, alargando o seu desenvolvimento musical. O objetivo principal é promover o desenvolvimento musical das crianças, explorando a música e os sons, a partir de instrumentos musicais não convencionais e, também, através do corpo e da voz.

Definiram-se como outros objetivos do projeto:

- Criar um clima de comunicação em que as crianças se expressem e saibam ouvir os colegas do grupo;
- Dinamizar atividades musicais de iniciativa das crianças ou da estagiária, numa perspetiva de promoção do desenvolvimento musical;
- Apoiar e dinamizar o grupo na conceção e construção de uma área de música;
- Desenvolver a expressão musical, a comunicação e expressão oral;
- Envolver as famílias no desenvolvimento do projeto.

CAPÍTULO 4 - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Surgiu a vontade e o interesse de desenvolver um projeto para construir uma área de música, no jardim de infância, e explorar essa área, planeando atividades musicais.

Toda a sequência de momentos e atividades musicais foi desenvolvida ao longo de dois meses, abril e maio, do ano letivo 2020/2021. O cronograma demonstra o desenrolar do projeto.

Quadro 1

Cronograma do projeto

	Abril	Maio
Atividade 1	Dia 6	
Momento inicial da construção do mapa de ideias	- Dia 8 - Até ao final do projeto	
Atividade 2	Dia 14	
Atividade 3	Dia 15	
Atividade 4	Dia 21	
Construção da casa da música		
Atividade 5	Dia 22	
Atividade 6	Dia 29	
Atividade 7	Dia 30	
Atividade 8		Dia 7
Atividade 9		Dia 13
Divulgação do projeto		Dia 14: avaliação Dia 19: divulgação do cartaz

CAPÍTULO 5 - DESCRIÇÃO DO PROJETO

O projeto intitula-se “A Crescer e a Brincar com a Música” e desenrolou-se ao longo de quatro fases, de acordo com a metodologia do trabalho de projeto: definição da intenção, planificação e desenvolvimento do trabalho, execução e divulgação/avaliação.

Apresenta um total de nove atividades e três momentos: o momento inicial da construção do mapa de ideias, a construção da “Casa da Música” e a divulgação do projeto. Desde a primeira atividade até ao momento da construção da “Casa da Música” o objetivo principal era a construção da área e dos instrumentos. A partir dessa altura, as atividades centraram-se na utilização da casa e dos seus recursos, assim como na exploração da música através de várias formas.

Cada atividade contempla objetivos, uma descrição, a avaliação e uma reflexão. Cada momento apresenta uma descrição, a avaliação e uma reflexão. Ao longo da descrição surgem registos fotográficos que permitem observar ações, acontecimentos, aprendizagens e produtos finais das crianças e das fases do projeto para um melhor acompanhamento do mesmo.

Os objetivos referidos para cada atividade baseiam-se nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Atividade 1 - “À descoberta de sons musicais”

Objetivos:

- Compreender o conhecimento das crianças, acerca da música;
- (Re)conhecer o som de instrumentos musicais convencionais;
- Identificar auditivamente sons instrumentais;
- Despertar o interesse das crianças para a música.

Descrição:

A atividade planeada “À descoberta de sons musicais” (*apêndice 1*), teve como ponto de partida uma história infantil, algo que as crianças adoram e lhes desperta interesse e curiosidade. “A Quinta da Amizade”, de Jorge Salgueiro, foi a fábula musical contada ao grupo e acompanhada com áudios musicais. À medida que as personagens apareciam na fábula, o som do seu instrumento foi reproduzido, visto que cada animal é

representado por um. O objetivo era as crianças estarem muito atentas a escutarem o som do instrumento convencional, para associarem ao animal.

Figura 1

Apresentação da história "A Quinta da Amizade"



Após a leitura da história, algumas crianças falaram, evidenciando aquilo que gostaram mais:

G: *"Eu gostei do gato, do cão, do pato."*

M: *"Gostei do cão."*

CM: *"Eu gostei do violino."*

GC: *"Eu gostei do pónei, do pato e dos instrumentos."*

J: *"Eu gostei do tambor, do gato e do cão e do trompete."*

Foi perceptível que as crianças demonstraram muito interesse e entusiasmo pela história, sobretudo pelos áudios que foram reproduzidos, com os vários instrumentos convencionais. Foi apresentada a *"Canção da Amizade"* (anexo 1) e as crianças demonstraram interesse em aprender.

Figura 2

Exploração dos cartões



Através de uns cartões (*apêndice 2*), foram explorados os animais e os instrumentos presentes, no sentido de o grupo se recordar, e para compreender qual o grau de conhecimento que as crianças tinham acerca dos instrumentos musicais. Denotou-se um conhecimento significativo em relação à música, sobretudo no que diz respeito às categorias/conjuntos dos instrumentos, nomeadamente em relação aos instrumentos de sopro (flauta, trompete e trombone) e de cordas (violino).

Foi ensinada a “*Canção da Amizade*” ao grupo. Primeiro, *a cappella*: depois de ouvirem a estagiária a cantar, as crianças repetiam. Isto foi feito sempre duas vezes para cada uma das estrofes. Seguidamente, a canção foi cantada com o instrumental: a primeira quadra, a segunda e, por último, a terceira.

Com o interesse das crianças pela fábula, pela canção, pelos animais e instrumentos convencionais, foram colocadas questões orientadoras ao grupo: “*Quais são os instrumentos da história?*”; “*Que instrumentos poderíamos ter mais?*”; “*E onde vamos arrumar os instrumentos?*”; “*Gostavam de criar uma área de música, com diferentes materiais e instrumentos?*”. O intuito era suscitar o entusiasmo em criar uma área de música.

Avaliação:

A avaliação foi feita através da observação direta, onde foram avaliados os seguintes parâmetros:

- ❖ Nível de interesse e entusiasmo pela fábula musical;

- ❖ Grau de conhecimento que as crianças têm acerca dos instrumentos musicais;
- ❖ Grau da capacidade discriminativa/sonora das crianças em relação aos instrumentos musicais convencionais;
- ❖ Nível de interesse das crianças na realização de um projeto relacionado com a música.

Para além da observação participante, foram realizados registos fotográficos e gravações de áudio e vídeo.

Reflexão:

A atividade correu bem e decorreu como planeado, à exceção da canção que foi apresentada noutro momento da atividade em relação ao que se tinha previsto. Foi algo espontâneo que fez sentido logo após a leitura da história. Todas as crianças estiveram com muita atenção à fábula musical e demonstraram interesse pelos áudios que foram reproduzidos, o que confirmou o interesse e entusiasmo do grupo para com a história.

Em relação ao conhecimento dos instrumentos convencionais e das suas categorias, confirmou-se um conhecimento significativo de alguns dos instrumentos, por parte das crianças, que surpreendeu. Para crianças desta idade ter este conhecimento é significativo. O reconhecimento tímbrico em relação aos instrumentos presentes na história já não se revelou tão significativo, visto que os nomes enunciados não correspondiam ao som do instrumento, o que leva à necessidade de trabalhar esta capacidade.

Através das questões orientadoras colocadas ao grupo no final da atividade e de um diálogo que surgiu, o interesse das crianças em criar uma área de música foi evidenciado. Surgiram ideias e sugestões de objetos e instrumentos que podem vir a ser colocados na área, assim como ideias para a sua construção. Foi curioso constatar que duas crianças tiveram a noção do espaço da sala, comentando que não havia muito espaço para mais uma área. Um excerto do diálogo realizado:

S: *“Mas não temos espaço para fazer uma área.”*

Estagiária: *“Achas? Então e se fosse uma área móvel?”*

S: *“Como se fosse uma área que se mexe?”*

Estagiária: *“Sim! É isso que mais tarde vamos descobrir.”*

S. e G: *“A área pode ter rodas.” ...*

O grupo demonstrou que queria iniciar este projeto e evidenciou entusiasmo em “pôr mãos à obra”. Foi notável que, com esta atividade, as crianças transportaram conhecimentos do contexto informal, que ocorrem fora do jardim de infância, e do contexto familiar para a sala, como por exemplo o contacto e conhecimento dos instrumentos em casa ou academias de música. Assim, as atividades e momentos que vão ser desenvolvidos posteriormente irão reforçar estas aprendizagens, pois estas vivências permitem dar continuidade ao trabalho desenvolvido.

Os objetivos propostos para esta atividade, enunciados anteriormente, foram atingidos na sua totalidade por todas as crianças, apesar de algumas terem participado pouco e terem revelado menos interesse do que a maioria das crianças.

Momento inicial da construção do mapa de ideias:

Descrição:

Este momento decorreu na sala, da parte da manhã, após o acolhimento em concelho. As crianças estiveram sentadas em círculo, na área de expressão plástica. Colocou-se a questão “o que sabemos acerca de uma área de música?”, à qual as crianças deram resposta:

Estagiária: *“O que é que vocês acham que uma área de música tem? Ou como poderá ser a área?”*

R: *“A área de música é uma área para nós aprendermos música.”*

G: *“Tem pratos, tem instrumentos, tem música e podemos cantar e bater palmas.”*

T: *“Tem os tambores para bater com as mãos.”*

GC: *“A área tem uma caixa, um xilofone.”*

S: *“A área pode ser de papelão, com caixas.”*

Durante o diálogo o grupo disse aquilo que pensava, em relação ao que a área poderá ter, como poderá ser construída e outras sugestões. As suas conceções foram registadas em papel.

Após um diálogo inicial de reunir as conceções das crianças, iniciou-se o mapa de ideias, com a primeira ideia principal - “Construção de uma área de música” - e começaram a surgir ideias para a sua construção. Foram aparecendo sugestões acerca de alguns materiais e instrumentos que as crianças queriam introduzir na área, assim como

ideias para a sua construção. O mapa de ideias foi desenhado e escrito em papel, e ficou decidido com o grupo, que o mapa iria ser exposto num placard da sala e conter ilustrações e palavras escritas pelas crianças. Posteriormente foi afixado.

Figura 3

Teia inicial do projeto

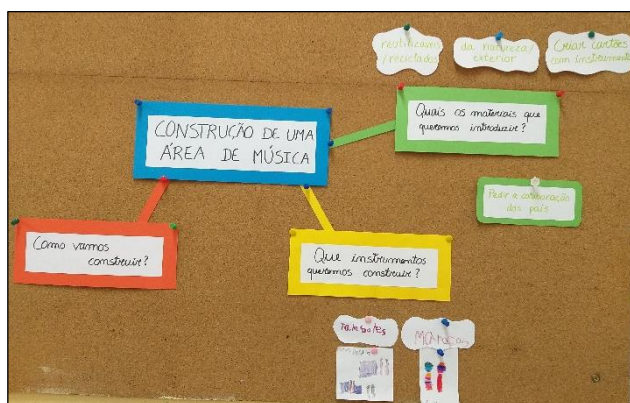
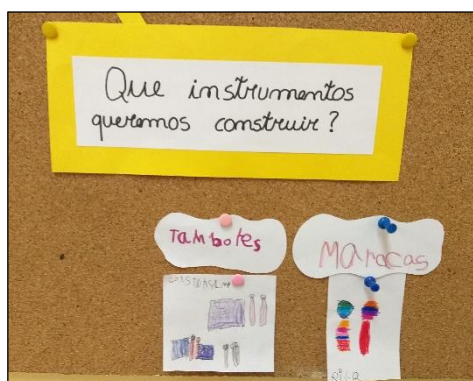


Figura 4

Ilustrações e palavras realizadas pelas crianças



Os retângulos foram feitos com cartolina e papel e afixados. As crianças, quando se depararam com o que já estava exposto, começaram a questionar: “o que é isto?”, “o que é que está ali escrito?”.

Sempre que questionaram, foi explicado e evidenciado o que estava exposto. Posteriormente os cartões com instrumentos foram construídos.

Avaliação:

Este momento foi avaliado com recurso à observação participante e a registos feitos em papel. À medida que as crianças iam falando, o interesse delas em contribuir com sugestões e ideias para o projeto foi observado.

As ideias que cada criança dizia foram registadas, o que permitiu compreender as suas conceções. Só depois é que se começou a construir a teia, com as sugestões para a construção da área no jardim de infância. Confirmou-se a capacidade significativa que as crianças têm de imaginação e criatividade.

Reflexão:

Este momento fez parte do desenvolvimento do projeto e foi um dos momentos iniciais, no qual as ideias começam a surgir e a ser organizadas em mapa ou teia. Assim, partiu-se de um “conhecimento base” acerca do tema, ou seja, “o que sabemos”. Depois construiu-se uma “teia inicial” com o grupo e o educador também fez a sua própria teia ou contribuiu para a teia das crianças, expandindo-a, como é preconizado por Vasconcelos et al. (s.d.).

Considerou-se importante conhecer as conceções das crianças sobre a área de música, percebendo quais as ideias que elas tinham acerca do que essa área pode ter, como poderá ser construída e o que pode incluir.

Foram tomadas iniciativas e assumidas responsabilidades, as crianças expressaram as suas opiniões e confrontaram-nas com as dos outros, tomando consciência de diferentes perspetivas. Existiu debate e negociação, sendo fundamental a educadora exercer um papel de moderadora, função desafiante e exigente, como refere Silva et al. (2016).

Foi, assim, um desafio manter a “ordem” durante o diálogo, pois as crianças queriam falar todas de uma vez e queriam dizer mais e mais, chegando a repetir ideias já ditas. No decorrer deste momento, o grupo começou a dispersar e a enunciar instrumentos da história “A Quinta da Amizade”, algo não pretendido, mas que revelou a grande capacidade das crianças em memorizar e recordar. Muitas sugeriram colocar na área instrumentos musicais convencionais, algo que não fazia sentido no contexto e foi esclarecido. Com este esclarecimento, as ideias que surgiram já foram mais ao encontro do que se pretendia, que era o interesse em construir instrumentos com materiais

reciclados e aos quais temos acesso, e o interesse em recolherem materiais para reproduzir som. Estas ideias foram registadas na teia.

É de salientar que foi realizada uma teia própria para orientação e para auxiliar as crianças a organizar as suas ideias e sugestões. As novas ideias e interesses que as crianças demonstraram foram tidos em conta.

Atividade 2 - “À descoberta do som”

Objetivos:

- Compreender o que são instrumentos não convencionais;
- Identificar auditivamente sons corporais, sons do meio ambiente próximo (isolados e simultâneos) e sons instrumentais;
- Estimular o interesse pela descoberta do som.

Descrição:

O ponto de partida para esta atividade foi um vídeo que demonstra alguém a tocar uma música com instrumentos não convencionais (*apêndice 3*). As crianças sentaram-se em cadeiras e ficaram direcionadas para a tela onde o vídeo foi projetado. Estiveram atentas e focadas no que estavam a observar e escutar e, quando terminou, pediram para ver outra vez. Depois da visualização do vídeo, as crianças começaram a demonstrar interesse em falar e uma chamou a atenção para um pormenor interessante:

G: *Havia lá t-shirts com números.*

Estagiária: *Eram números?*

G: *Letras.*

Estagiária: *E o que é que são as letras?*

R: *Notas musicais.*

É de salientar que as t-shirts com as notas musicais despertaram, logo de início, interesse em algumas crianças. Foi colocada a questão “O que é que observaram no vídeo?”, à qual as crianças responderam:

GC: *Havia um tambor, ele batia palmas e tinha uma maraca.*

S: *Havia uma guitarra, uma torradeira.*

CF: *Tinha um ralador de cenoura.*

G: *Tinha uma guitarra ao contrário para bater com as mãos.*

B: *Havia umas garrafas de cerveja.*

CM: *Havia pratos.*

As respostas de algumas crianças evidenciam a atenção com que estiveram e, automaticamente, deram resposta à questão *“Que objetos e instrumentos foram utilizados?”*.

Foi feito um apelo à descoberta do som, com diferentes materiais e objetos do dia a dia, no sentido de as crianças compreenderem o que é um instrumento não convencional. Neste sentido, foram mostrados alguns materiais de desperdício ao grupo, como tampas, cascas de noz e um copo de vidro, para existir um breve contacto com materiais e uma melhor perceção daquilo que era pretendido transmitir. O desejo em tocar nos materiais foi imediato, assim que as crianças os viram. Começaram a explorar os materiais, batendo com eles para ver se faziam som e deram vários exemplos de materiais que, ao estarem em contacto, reproduzem som. Alguns exemplos afirmados: *“a mesa faz som, assim (bateu com as mãos na mesa)”*, *“se nós usarmos caixas elas batem e fazem som”*, *“se usarmos pilhas elas batem e fazem barulho e se as deitarmos ao chão fazem barulho à mesma”*.

A teia de ideias do projeto foi explicada ao grupo, para haver uma compreensão daquilo que já estava exposto e das ideias que irão ser desenvolvidas.

Figura 5

Momento de visualização do vídeo



Figura 6

Exploração dos materiais



Avaliação:

A avaliação foi feita através da observação direta, com base nos seguintes parâmetros:

- ❖ Nível de interesse e entusiasmo pela descoberta do som;
- ❖ Grau da capacidade de identificação correta, das crianças, em relação aos sons presentes no vídeo (sons instrumentais, corporais ou do ambiente);
- ❖ Grau de conhecimento que as crianças têm em identificar e nomear objetos ou materiais que podem reproduzir sons.
- ❖ Nível de aquisição de ideias acerca de instrumentos não convencionais.

Reflexão:

A atividade decorreu como planeado e o tempo previsto para a sua implementação não foi excedido. O vídeo mostrado suscitou interesse e entusiasmo por parte das crianças; estas mantiveram-se atentas e focadas e até solicitaram para o repetir. A atenção e concentração das crianças refletiu-se naquilo que disseram durante o diálogo.

Confirmou-se a significativa capacidade das crianças em identificar os sons presentes na música, tanto os corporais como os instrumentais e aqueles reproduzidos com materiais do quotidiano e reutilizáveis. Durante o diálogo realizado, algumas crianças destacaram-se mais pela sua participação em querer falar, revelando um grau de conhecimento muito positivo em relação aos materiais que poderão reproduzir sons e ser usados como instrumentos musicais.

Os objetivos foram alcançados com sucesso. O grupo compreendeu que a música pode não ser executada só com instrumentos convencionais, mas também com outros materiais reutilizáveis e de uso diário, que podem ser transformados para reproduzir som.

Foi notória alguma agitação por parte do grupo, mas esta não comprometeu o ambiente de sala nem a atividade proposta.

Atividade 3 – “Vamos explorar sons e pôr mãos à obra?”

Objetivos:

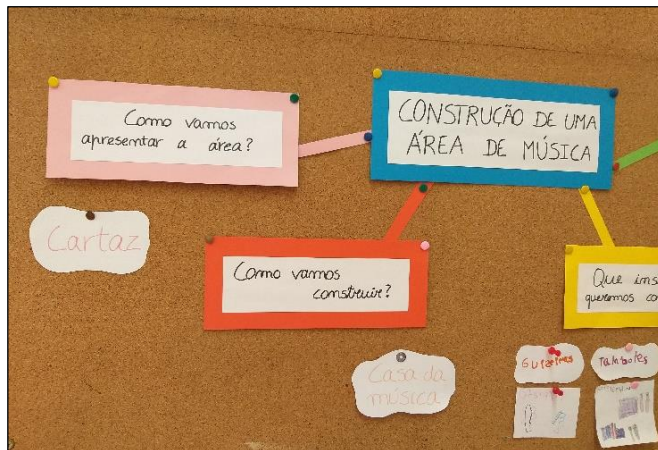
- Explorar sons com objetos e materiais;
- Desenvolver a discriminação sonora, através da altura (sons agudos e sons graves) e timbre (diferentes materiais em contacto, reproduzem sons diferentes).

Descrição:

Antes do começo da atividade, foi feita uma explicação e leitura da teia de ideias do projeto. Durante um diálogo realizado em grande grupo, foi acrescentada a questão “Como vamos apresentar a área?”, à qual as crianças deram resposta com sugestões diferentes para a sua apresentação. Ficou decidida a elaboração de um cartaz, com o processo de construção da área, visto que foi a ideia que mais interesse suscitou. Em relação à construção da área, as crianças decidiram que queriam construir uma “Casa da Música” na sala, com recurso a cartão, tintas e outros materiais a decidir posteriormente.

Figura 7

Ideias inseridas na teia

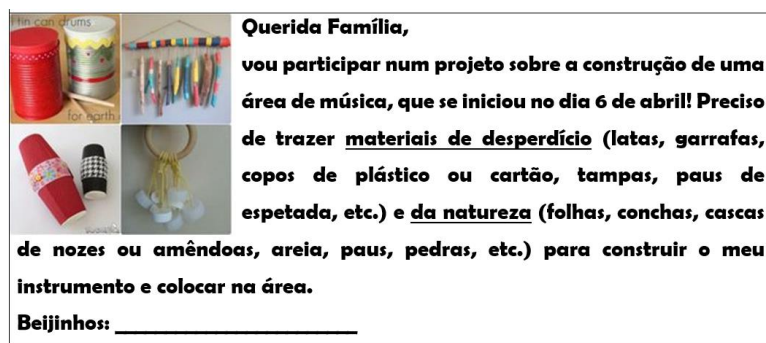


Para que esta sessão fosse realizada com sucesso, foi necessária a organização prévia dos materiais reutilizáveis. Foi explicado ao grupo o que ia ser feito durante a atividade (apêndice 4) e foram formados grupos de quatro crianças para a exploração dos materiais.

Previamente, de modo a promover o envolvimento dos pais no projeto, foi solicitada a sua colaboração para contribuírem com materiais de desperdício e da natureza para a construção dos instrumentos a colocar na área. Esta solicitação foi realizada em forma de recado e as crianças foram as autoras do texto, definindo o que precisam e escrevendo o seu nome como se de uma assinatura se tratasse. Na instituição, os recados ou solicitações são redigidas em nome da criança e, por isso, foi aproveitado algo que já é familiar para as crianças e para os pais.

Figura 8

Recado solicitado às famílias



Um grupo de cada vez explorou os materiais que estavam dispostos em cima de uma mesa, desde garrafas de plástico e vidro, a copos de plástico, pedras, paus de espetada, latas, cascas de nozes, tampas e conchas. Durante a exploração dos materiais, as crianças mexeram e contactaram com estes e foram descobrindo sons diferentes. Foram colocadas algumas questões como “*Que sons ouvem quando os materiais se tocam?*”. Alguns comentários das crianças:

T: *Podemos fazer música.*

F: *Ouvem-se sons altos.*

S: *Fiz uma maraca (colocou pedras numa lata).*

Também começaram a perceber quais os materiais que podiam ser usados para a construção do instrumento. Foram demonstradas imagens de diferentes instrumentos possíveis de construir e cada criança escolheu um.

Figura 9

Exploração dos materiais em grupo

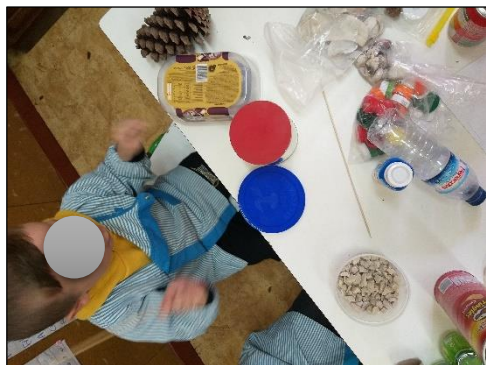


Figura 10

Exploração dos materiais em grupo



Todas as crianças idealizaram o seu instrumento da forma que preferiram e realizaram um registo em desenho do seu instrumento (*apêndice 5*). Alguns registos elaborados:

Figura 11

Registo do instrumento

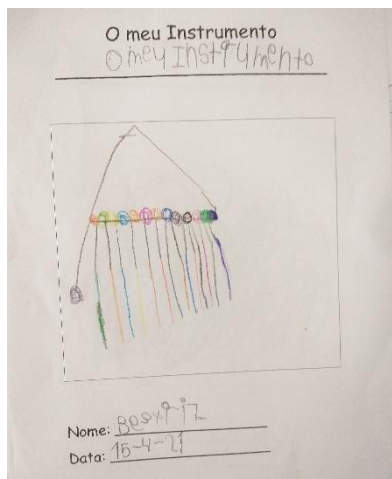
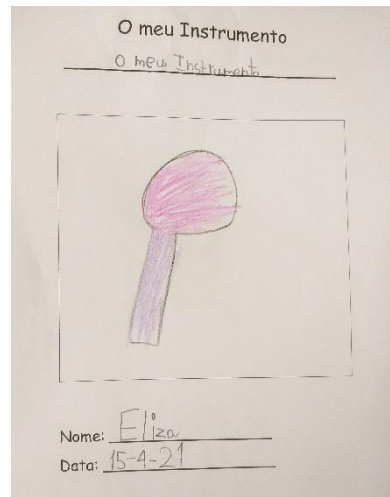


Figura 12

Registo do instrumento



Posteriormente, procedeu-se à construção dos instrumentos (*anexo 2*), atividade que se desenvolveu ao longo do projeto. Estes foram construídos pelas crianças, com orientação e apoio, sendo um processo gradual. Escolheram também como queriam decorar, de forma a dar o seu cunho pessoal, e manipularam os materiais com ajuda do adulto, sempre que necessário.

Figura 13

Construção dos instrumentos



Avaliação:

A avaliação foi feita através da observação direta, com base nos seguintes parâmetros:

- ❖ Grau da capacidade participativa e de exploração dos diferentes materiais, pelas crianças, para descobrir;
- ❖ Nível de manipulação dos materiais, para compreender se foi fácil ou desafiante;
- ❖ Nível de interesse na construção do instrumento;
- ❖ Grau da capacidade expressiva e criativa das crianças, em relação às artes visuais;
- ❖ Grau da capacidade de descoberta de sons;

O registo em desenho também serviu como um meio de avaliação, para se perceber como a criança queria contruir o seu instrumento e quais os materiais que privilegiava.

Reflexão:

A atividade não decorreu totalmente como foi planeada. O tempo previsto não foi cumprido, sendo necessário mais tempo, e a organização da proposta seguiu um rumo diferente. Esta atividade pôde ser dividida em dois momentos: o primeiro momento de diálogo e exploração de materiais e o segundo momento de construção dos instrumentos não convencionais.

Quanto ao primeiro momento, foi explicado ao grupo o que era pretendido realizar e, após a explicação, procedeu-se à exploração e contacto dos materiais. A gestão e organização do grupo foi alterada - apenas um grupo de cada vez foi realizar o que era pretendido, enquanto as restantes crianças ficaram a brincar nas áreas da sala. Esta gestão resultou bem, tendo-se mostrado uma estratégia que permitiu dialogar e interagir com as crianças.

Foi demonstrada, por parte das crianças, muita curiosidade em participar e explorar os diferentes materiais disponíveis, o que confirmou uma elevada capacidade participativa e um elevado nível de interesse. Em relação ao objetivo de manipular os materiais para desenvolver a discriminação sonora, este foi alcançado, através da interação e brincadeira com os materiais para a descoberta de sons.

O registo em desenho do instrumento foi realizado com satisfação e cada um evidenciou o instrumento escolhido. Algumas crianças não revelaram tanto prazer em pintar e expressar as suas ideias.

Durante este momento foi desafiante manter as crianças concentradas e motivadas. O ambiente vivido na sala era de confusão e barulho, por isso, havia crianças que dispersavam com facilidade, pois algumas terminaram mais rápido do que o tempo previsto e, para não estarem paradas, dirigiram-se para uma área da sala. Apesar disso, foi um momento divertido onde foram desenvolvidas aprendizagens significativas.

Quanto ao segundo momento, este foi desenvolvido de forma gradual e decorreu como planeado. O grupo demonstrou muito interesse em construir o instrumento não convencional e manipulou facilmente os materiais. Apenas algumas crianças necessitaram de ajuda, visto que a manipulação exigia mais destreza e colaboração de um adulto, como o mobile musical e as guizeiras. Confirmou-se uma capacidade expressiva e criativa das crianças em decorar o seu instrumento de acordo com o seu gosto e preferências. Cada uma escolheu o que quis e teve à sua disposição variados materiais.

Foi muito interessante observar que as crianças se ajudaram entre si neste momento. Cada criança esteve, também, disposta a receber a colaboração dos colegas.

Atividade 4 - “Construção da Área”

Objetivos:

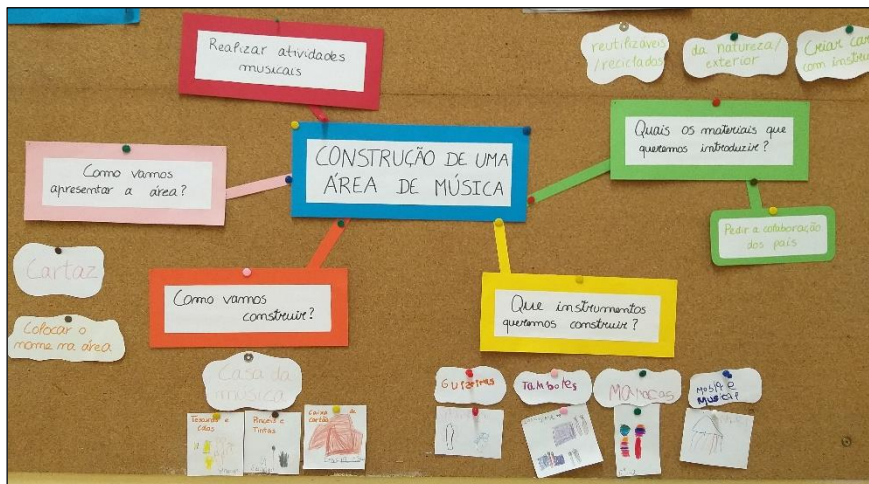
- Idealizar a construção da área;
- Eleger o nome da área.

Descrição:

Ao aproximar-se o começo da construção da área, momento tão esperado pelas crianças, tornou-se necessário realizar uma atividade em que o foco fosse a idealização da área, para que esta comesse a ganhar vida. Assim, a atividade iniciou-se com um diálogo, tendo como base a teia de ideias que foi completada com mais sugestões, sobretudo no que respeitou à vontade de realização de atividades musicais. Ficou decidido que a realização dos cartões com instrumentos, para colocar na área, estaria a cargo de um grupo de cinco crianças.

Figura 14

Teia de ideias mais completa



O foco da atividade incidiu na construção da área e as crianças sugeriram ideias de como a área, designada de “Casa da Música”, poderá ser construída e decorada. Anteriormente, tinha sido levada para a sala uma caixa grande de cartão (*anexo 3*). As crianças observaram com entusiasmo e começaram a questionar sobre para que serviria este objeto. Algumas associaram logo à construção da área. Também se decidiu sobre quais os materiais a utilizar para proceder à construção da “casa”.

Cada criança realizou um registo em desenho (*apêndice 6*), no qual evidenciou os materiais a utilizar para a construção da “Casa da Música” e como gostaria que fosse. Posteriormente foi realizado um diálogo onde se chegou a um consenso de como seria a casa. Foi a partir desta atividade que a área começou a ser construída de forma progressiva, ao longo de vários dias (*anexo 4*).

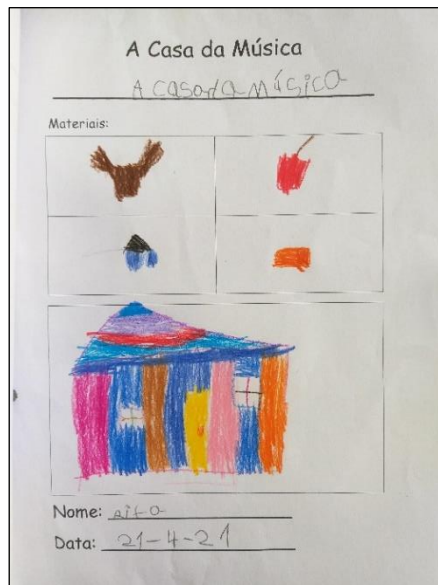
Figura 15

Elaboração do registo “Casa da Música”



Figura 16

Registo da “Casa da Música”



Posteriormente, os cartões foram construídos pelo grupo eleito para tal e procedeu-se a uma pesquisa realizada no computador, onde as crianças procuraram imagens de instrumentos convencionais que gostariam de colocar nos cartões (*anexo 5*). Decidiram escolher instrumentos de percussão como as maracas, o bombo, o tambor, as castanholas e o triângulo, e alguns instrumentos de corda como o piano, a guitarra e a harpa. Este grupo cortou os cartões, colou as imagens e escreveu a palavra de cada um dos instrumentos. Demonstrou-se participativo e comunicativo.

Figura 17

Cartões com instrumentos



Figura 18

Cartões com instrumentos



Avaliação:

A avaliação foi feita através da observação direta, com base nos seguintes parâmetros:

- ❖ Nível de interesse e preferências das crianças, em relação à construção da área;
- O registo em papel realizado pelas crianças, permite compreender como o grupo idealiza a sua Casa da Música.
- O diálogo em grande grupo permitiu perceber os interesses e ideias.

Reflexão:

Inicialmente, esta atividade foi planeada com o intuito de eleger um nome para a área de música e para idealizar a sua construção. Com o decorrer do projeto, a atividade teve de ser reajustada, pois as crianças já tinham decidido o nome para a área e até já tinham sugerido que podia ser construída com cartão. Assim, no decorrer do projeto foi reajustado o planeamento (apêndice 7).

A atividade planeada decorreu bem e no tempo previsto. Durante o diálogo foi visível o interesse das crianças em “pôr mãos à obra” para construir a área, o que confirmou o seu elevado nível de interesse. As suas preferências foram expressas, oralmente, com facilidade e negociadas de forma a chegar a uma decisão unânime. Foi uma conciliação fácil, pois as crianças demonstraram logo interesse em criar a casa a partir

de uma caixa grande de cartão, utilizando tintas, pincéis, esponja e outros materiais diversos.

No registo da “Casa da Música” foram expressas ideias interessantes, como uma casa voadora e uma casa multicolorida. Os objetivos foram alcançados com sucesso.

Construção da “Casa da Música”:

A construção da “Casa de Música” foi um processo gradual e contínuo ao longo do projeto. Iniciou-se com o aparecimento de uma caixa de cartão grande, na sala, que começou por ser pintada de branco. Posteriormente, foram desenhadas e recortadas as janelas e a porta.

Para a pintura da casa, quase todas as crianças do grupo contribuíram, embora algumas se tenham mostrado mais interessadas e entusiasmadas. Houve a preocupação de integrar todas as crianças neste processo de construção. Estas tomaram a iniciativa de pintar a casa com esponjas e tintas, das cores que preferiram. Começaram uma tarefa e levaram-na até ao fim, de forma cuidadosa e tomando decisões, como é preconizado por Hohmann e Weikart (2011).

Figura 19

Pintura da casa



Figura 20

Pintura da casa



Posteriormente, a casa foi aberta e as janelas foram feitas com plástico transparente. O telhado foi montado e colado na caixa de cartão e foi realizado um rótulo

escrito, com letras decoradas pelas crianças, onde estão presentes símbolos que, para elas, fazem lembrar a música.

Figura 21

Resultado final da Casa da Música



Figura 22

Decoração das letras



Quando a casa ficou concluída, foi colocada, dentro dela, a caixa com os instrumentos não convencionais e a caixa dos cartões e jogos, rotuladas com etiquetas. As etiquetas incluíam um desenho ilustrativo, que permitiam que as crianças fizessem a sua “leitura”, e palavras escritas, algo que lhes despertaria interesse, como referem Hohmann e Weikart (2011).

As crianças demonstraram logo interesse e entusiasmo em entrar para a casa e contactarem com os instrumentos que construíram. Só era possível estar uma criança (ou, no máximo, duas) dentro da casa, algo que foi acordado com o grupo e cumprido como regra geral.

Atividade 5 – “Jogo Bingo dos Sons”

Objetivo:

- Desenvolver a capacidade de discriminação sonora.

Descrição:

O jogo é algo que desperta muito interesse, por parte das crianças. Assim, foi criado o jogo “Bingo dos sons” (*apêndice 8*), com a intenção de desenvolver a capacidade de discriminação sonora. Este jogo é uma adaptação do Bingo tradicional: em vez de ter cartões com vários números, tem imagens referentes a fontes sonoras a sons. Ao todo são 20 cartões e 24 sons distintos (da natureza, da cidade, de transportes, de instrumentos convencionais, de objetos/materiais). Para marcar as imagens foram usadas pedras, conchas e tampas.

Foi realizada uma associação entre este jogo e o jogo do loto que estava presente na Área da Matemática, para as crianças compreenderem que existem semelhanças entre eles. Cada criança tinha um cartão com seis imagens ou seis sons. À medida que ouvia os sons tinha que os encontrar no cartão e colocar um dos objetos (pedra, tampa ou concha) por cima. Quando todos os sons do cartão tivessem sido reproduzidos e as imagens estiverem cobertas, terminava o jogo. Uma regra fundamental deste jogo seria a permanência de silêncio e concentração.

As crianças organizaram-se pelas mesas da sala e permaneceram sentadas, mas muito barulhentas e irrequietas, quando o jogo pedia silêncio e concentração. Ficou decidido que o jogo ficaria na “Casa da Música”.

Figura 23

Momento do jogo



Avaliação:

A avaliação foi feita através da observação direta, com base nos seguintes parâmetros:

- ❖ Capacidade de destreza das crianças, em identificar os sons;
- ❖ Nível de entusiasmo e empenho em jogar;
- ❖ Nível de divertimento e demonstração de feedback positivo;
- ❖ Capacidade das crianças de permanecer em silêncio.

Reflexão:

Através do jogo, as crianças sentiram-se motivadas e entusiasmadas para descobrir sons e promoveu-se uma competição saudável. Confirmou-se a demonstração de um grande entusiasmo e empenho em jogar; as crianças, sempre que ouviam um som, gritavam ou levantavam-se celebrando a sua descoberta.

O grupo demonstrou uma elevada destreza em identificar os sons reproduzidos, apesar de alguns terem suscitado alguma confusão, por terem circunstâncias idênticas, nomeadamente entre o tambor e o martelo e entre a chuva e a trovoada. Mas quando surgia desentendimento, era esclarecido o som que se ouviu. Sentiu-se diversão e feedback positivo ao longo do jogo e as crianças desejaram jogar novamente, quando surgisse oportunidade, o que foi gratificante.

O desafio deste jogo foi conseguir que as crianças permanecessem em silêncio. Sempre que um som acabava de ser reproduzido, estas começavam a conversar e instalava-se muito barulho na sala. Por vezes, teve de ser adotada uma postura mais firme por parte da educadora, para se conseguir que permanecessem caladas e atentas ao próximo som. Esta agitação poderá ter sido despertada pelo jogo ser novidade e por incentivar a competição de forma saudável. Algumas crianças acabaram o jogo primeiro do que outras e aquelas que demoraram mais a terminar começavam a questionar quando é que aparecia o som que faltava.

Contudo, a atividade atingiu, na sua totalidade, o objetivo definido e surpreendeu pela positiva, pela capacidade das crianças em identificar sons e pelo empenho e divertimento.

Atividade 6 – “Jogo rítmico”

Objetivos:

- Explorar sons corporais;
- Improvisar ritmicamente com sons corporais, com e sem palavras.

Descrição:

Outro jogo planeado foi um jogo rítmico (*apêndice 9*). Considera-se que é um jogo, pois apresenta algumas regras a seguir, em conjunto. Foi apresentado de forma atrativa, tendo em conta os interesses das crianças, e consistiu num momento expressivo e de movimento criativo, utilizando sons e palavras, como é sugerido por Silva et al. (2016) que se faça.

Inicialmente, as crianças observaram um vídeo da canção “Yapo” e, ao escutarem e observarem, começaram a movimentar-se com o corpo e a realizar os gestos observados. Visualizaram o vídeo duas vezes. Foi ensinada a canção: primeiro as palavras e depois a melodia. De seguida, foi ensinado o ritmo corporal e, também, a associação das palavras aos gestos. Durante o ensino do ritmo corporal, algumas crianças não conseguiam estalar os dedos. Assim, sugeriram bater palmas para se tornar mais simples de executar. Desta forma, todas as crianças se sentiram bem e acompanharam o jogo rítmico. Todas demonstraram interesse e, para algumas, foi um desafio. Alguns comentários:

R: *“Agora tu (estagiária) não fazes nada, nós fazemos sozinhos!”*

G: *“Eu quero bater palmas.”*

C: *“Canta connosco e nós fazemos sozinhos.”*

No final procedeu-se à gravação de um vídeo do grupo a realizar o jogo rítmico, com a orientação da estagiária. O momento de organização das crianças para a gravação foi um desafio. Algumas estavam muito irrequietas e outras mais barulhentas.

Figura 24

Momento de execução do jogo rítmico



Figura 25

Preparação para registar o momento, através de um vídeo



Avaliação:

A avaliação foi feita através da observação direta, com base nos seguintes parâmetros:

- ❖ Nível de empenho e dedicação das crianças;
- ❖ Capacidade de explorar o corpo como fonte sonora;
- ❖ Capacidade das crianças em explorar e criar improvisações;
- ❖ Capacidade de cooperação e relacionamento com os outros.

Registo em vídeo das crianças a realizarem a canção e o ritmo corporal.

Reflexão:

A atividade “jogo rítmico” decorreu como planeado, à exceção do momento inicial, que foi repensado, e do momento final, que foi adaptado espontaneamente.

No decorrer do projeto, foi constatado que o grupo demonstra muito interesse em visualizar vídeos e, por isso, considerou-se pertinente apresentar um pequeno filme com a canção para as crianças compreenderem aquilo que se ia suceder. O momento final, da gravação do jogo rítmico, decorreu dentro da sala porque, no decorrer da atividade, foi perceptível que as crianças estavam empenhadas e concentradas. Se o grupo se dirigisse para o espaço exterior ia começar a dispersar e iria perder o foco no jogo. Esta estratégia espontânea foi bem escolhida e sucedida.

O grupo demonstrou interesse e empenho em aprender e executar o jogo rítmico e colaborou no momento de aprendizagem. Demonstrou uma capacidade significativa de explorar o corpo e criar improvisações. As crianças cooperaram umas com as outras, mas houve momentos em que foi desafiante mantê-las atentas e dedicadas. Contudo, o jogo foi novidade para as crianças que, com rapidez, memorizaram e aprenderam a canção e os gestos. Foi um momento divertido, satisfatório e desafiante para as crianças.

No momento de gravação do vídeo, o grupo executou corretamente o jogo, com orientação. Os objetivos foram alcançados com sucesso e o jogo foi realizado mais vezes.

Atividade 7 – “Orquestra dos tachos”

Objetivos:

- Alargar o desenvolvimento musical das crianças;
- Explorar características sonoras (ritmo);
- Elaborar improvisações musicais.

Descrição:

Esta atividade decorreu no espaço exterior. Com antecedência, foi solicitada, novamente, a colaboração dos pais em forma de recado (*apêndice 10*). Foi pedida a contribuição através da cedência de um tacho ou panela, duas tampas e uma colher de pau, para a participação na orquestra dos tachos.

Em grande grupo, as crianças escutaram a canção “As Formigas Marcham”, sentadas no chão, em círculo. Foram colocadas algumas questões como “*Que sons ouviram?*”, “*Os sons eram sempre iguais?*” e “*Vamos criar um ritmo ao som da música, em conjunto?*”. As crianças estiveram barulhentas e irrequietas durante este momento, mas algumas mostraram-se recetivas comentado:

J: “*Ouvi um tambor!*”

B: “*Ouvi que as formigas levavam a merenda para casa! Vamos fazer uma banda dos tachos.*”

G: “*Um tambor que tinha baquetas. Sim, havia ritmo!*”

R: “*Havia um trompete.*”

As crianças, em colaboração com a estagiária, tocaram o padrão rítmico descoberto e criado no momento, ao som da canção. Como instrumentos utilizaram os tachos, tampas e colheres que trouxeram e estes ganharam vida e som, originando uma orquestra dos tachos. Este momento foi registado, através de um vídeo que evidencia o grupo a tocar o ritmo nos seus “instrumentos”.

Figura 26

O grupo com os seus “instrumentos”



Figura 27

Momento de descoberta e execução do padrão rítmico



Avaliação:

A avaliação foi feita através da observação direta, com base nos seguintes parâmetros:

- ❖ Nível de interesse das crianças, na atividade, através dos seus comentários e sugestões;
- ❖ Capacidade de execução e aprendizagem do padrão rítmico;
- ❖ Capacidade de coordenação motora;
- ❖ Capacidade de imaginação e criatividade do grupo.

Registo em vídeo, do grupo a apresentar a orquestra dos tachos.

Reflexão:

A atividade decorreu como planeado e respeitou o tempo previsto para a sua concretização. As crianças estiveram muito entusiasmadas e interessadas em participar, por ser algo novo e diferente. Também envolvia “barulho”, prática e música, o que lhes despertava sempre muito interesse.

É de realçar a adesão das crianças em trazerem o que era preciso para a atividade. A receptividade, por parte das famílias, tem sido admirável e quase todos os pais têm colaborado no projeto. Apenas três crianças não levaram o que era necessário, mas arranjou-se material, nomeadamente um tacho e colheres de pau da área do faz de conta, e duas latas de metal.

Por vezes, foi um desafio manter as crianças em silêncio e sem tocar, por ser algo diferente e novo, o que gerava sempre um ambiente de euforia e agitação. Esta situação expetável foi possível contornar-se, logo no início, com a combinação de um sinal que obrigaria ao silêncio. Esta estratégia foi bem-sucedida. Sempre que o braço direito era levantado, todos paravam de tocar e ficavam calmos. Como era de esperar, o silêncio não era absoluto, mas as crianças respeitaram e colaboraram. Assim, confirmou-se o seu elevado nível de interesse.

A execução e aprendizagem do padrão rítmico, por parte das crianças, foi rápido e eficiente. Foi bastante gratificante conseguir captar a atenção delas e explorar as suas capacidades para o desenvolvimento da coordenação motora e o desenvolvimento musical. Os objetivos desta atividade foram alcançados com sucesso.

Atividade 8 – “Brincar com os instrumentos”

Objetivos:

- Trabalhar a pulsação;
- Contactar com diferentes estilos musicais (jazz).

Descrição:

A atividade planeada “Brincar com os instrumentos” (*apêndice 11*), teve como ponto de partida o interesse das crianças em cantar e aprender canções novas. A canção “*Tantas Coisas*”, ao estilo jazz, foi reproduzida e, à medida que era escutada, algumas crianças movimentaram-se e cantaram baixinho a letra que sabiam. Esta canção já era conhecida pelo grupo.

Após a audição da canção, as crianças quiseram logo falar e foi questionado “*Que instrumentos escutaram na canção?*”. Para a identificação dos instrumentos, as crianças utilizaram os cartões com instrumentos, que construíram para a casa da música. Identificaram vários instrumentos convencionais: “*Um piano*”; “*Uma bateria*”, “*Um tambor*”; “*Um violoncelo*”. Alguns instrumentos mencionados pelas crianças, não foram escutados na canção. Perante esta situação, foram aceites os contributos mencionados e procedeu-se ao esclarecimento sobre quais os instrumentos escutados.

Figura 28

Momento de identificação dos instrumentos convencionais



O grupo demonstrou vontade em aprender a letra da canção, pois já estava esquecida. Primeiro *a capella*: as crianças repetiam uma frase de cada vez e, depois, cantaram a frase da letra com a melodia. Seguidamente, a canção foi cantada com o acompanhamento instrumental, à exceção de uma quadra que não foi ensinada. Aprenderam rapidamente e mostraram-se entusiasmadas.

Posteriormente, foi ensinado ao grupo o que era a pulsação da canção, visto que as crianças não conheciam o termo. Foi explicado de uma maneira simples e marcada com palmas, para as crianças compreenderem. De seguida, foram distribuídos os instrumentos não convencionais construídos por cada uma das crianças. Estas ficaram muito entusiasmadas e começaram logo a tocar, gerando-se um ambiente de agitação e entusiasmo. O grupo marcou a pulsação com os instrumentos, sem música e, depois de algumas repetições, acompanharam a melodia da música. O momento foi registado em formato de vídeo e áudio.

Figura 29

Momento de aprendizagem e marcação da pulsação



Figura 30

Registo do momento



Avaliação:

A avaliação foi feita através da observação direta, com base nos seguintes parâmetros:

- ❖ Capacidade de aquisição da pulsação da canção, através de movimentos corporais e de instrumentos não convencionais;
- ❖ Nível de entusiasmo das crianças na atividade e na aprendizagem da canção;
- ❖ Capacidade de colaboração entre o grupo.

Registo em vídeo das crianças a marcarem a pulsação com os instrumentos.

Reflexão:

A atividade correu bem, decorreu como planeado e o tempo previsto para a sua execução foi cumprido. Logo no início, o grupo demonstrou entusiasmo e satisfação em escutar a canção e em voltar a recordá-la. As crianças aprenderam a letra rápido, pois já era uma canção conhecida por elas. Confirmou-se o entusiasmo das crianças na aprendizagem da canção.

Na identificação dos instrumentos escutados, algumas crianças revelaram uma capacidade de discriminação sonora significativa, em identificar corretamente os instrumentos. Contudo, foi natural alguns instrumentos mencionados não estarem presentes na canção, visto que esta capacidade ainda está a ser desenvolvida. É normal alguns instrumentos mencionados estarem incorretos, pois houve um reconhecimento da imagem do instrumento, mas não do respetivo som.

Houve a preocupação de explicar ou questionar acerca dos instrumentos presentes, sendo dadas algumas pistas como o estilo musical da canção e os sons calmos e suaves ouvidos. O grupo adorou este momento, pois existiu o contacto com os cartões construídos e a participação para os evidenciar.

Quando foram questionadas acerca do que era a vivência da pulsação de uma canção, denotou-se que as crianças desconheciam o conceito. Foi explicado de uma forma simples e clara e estas compreenderam rapidamente. Na aprendizagem da pulsação, com palmas, as crianças realizaram corretamente, mas, no momento de a marcar com os instrumentos, já foi mais complicado existir coordenação. Para esse momento decidiu-se dividir as crianças em dois grupos: um grupo com os tambores e o outro com as maracas e guizeiras. Foi uma boa estratégia, que resultou.

Assim que as crianças pegaram no seu instrumento foi visível o seu entusiasmo e vontade em tocar, sem parar, até que houve a necessidade de se estabelecer calma e ordem, para que escutassem. Apesar deste momento espontâneo e expectável, as crianças marcaram a pulsação com os instrumentos, embora nem sempre de maneira coordenada. A capacidade de aquisição da sensação de pulsação foi conseguida, mas a sua execução precisava de mais trabalho e repetições para o grupo estar coordenado. O entusiasmo em contactar com instrumentos novos e diferentes ajudou a não estarem

tão focados e concentrados. Mas foi muito gratificante observar a sua alegria a tocar nos instrumentos.

Sem dúvida que as crianças aprenderam mais com esta atividade e que algumas capacidades foram desenvolvidas desde o início do projeto. Os objetivos da atividade foram atingidos na sua totalidade por todas as crianças, apesar de todo o entusiasmo e agitação.

Atividade 9 – “Construção de uma Paisagem Sonora”

Objetivos:

- Desenvolver a discriminação sonora;
- Identificar os sons.

Descrição:

Esta atividade (*apêndice 12*) teve como referência o compositor e pedagogo musical Murray Schaffer. Na sua perspetiva prática pedagógica, este trabalha a partir do som e valoriza aspetos da paisagem sonora para desenvolver a perceção auditiva das crianças (De Abreu, 2014).

Assim, pretendeu-se que o grupo de crianças desenvolvesse a capacidade de discriminação sonora e partisse à descoberta de novas potencialidades de um ambiente, criando uma paisagem sonora. As crianças escolheram a praia e disseram quais os sons que ouvem quando estão lá: *“as conchas do mar; a água; o vento; eu ouço as gaivotas; a areia.”*

Foram escolhidos cinco sons para serem reproduzidos (o som da água, das conchas, do vento, das gaivotas e da areia), com recurso a materiais de desperdício, que já se encontravam numa mesa, ou com recurso à voz ou ao corpo. Havia caixas de ovos, garrafas de plástico, massa, latas, folhas, paus, conchas, papel de jornal e papel de revista. As crianças foram divididas em cinco grupos e a cada grupo foi atribuído um som, para pensarem como o queriam recriar. Neste momento, deu-se auxílio a todos os grupos e combinou-se com eles como os sons iriam ser reproduzidos.

Cada grupo ensaiou o som que lhes foi atribuído e usou os materiais que quis, à exceção de um grupo, que apenas usou a voz e o corpo para criar o som. Foi sugerida a

ideia de decorar a paisagem “a praia”, com papel plástico azul para fazer de água do mar e papel plástico amarelo e diferentes conchas e búzios para fazer de areia.

Figura 31

Momento de decoração e ensaio da paisagem



Por fim, cada grupo apresentou o som criado e originou-se a criação da paisagem sonora da praia. Esta atividade foi gravada em formato de vídeo e áudio, para, posteriormente, todas as crianças verem e ouvirem.

Avaliação:

A avaliação foi feita através da observação direta, com base nos seguintes parâmetros:

- ❖ Capacidade de identificar os sons do ambiente;
- ❖ Capacidade das crianças de pensar em maneiras ou possibilidades de reproduzir os sons, com recurso a materiais, objetos, à voz ou ao corpo;
- ❖ Nível de facilidade das crianças em realizar padrões rítmicos;
- ❖ Capacidade de trabalhar em grupo.

Registos escritos dos comentários das crianças, o mapa sonoro construído e gravação em áudio ou vídeo.

Reflexão:

Esta atividade gerou um ambiente diferente na sala e todas as crianças se demonstraram participativas e interessadas. Não decorreu totalmente como foi planeada, pois o tempo para a sua execução foi mais extenso e o mapa sonoro não foi construído.

Iniciou-se da parte da manhã. As crianças demonstram-se interessadas em participar e identificaram, rapidamente, os sons que ouviam quando iam à praia. Como identificaram inúmeros sons, foi necessário escolher apenas cinco para que a criação da paisagem fosse simples e os grupos tivessem mais do que duas ou três crianças. Esta negociação foi fácil e todos concordaram. Posteriormente, quando trabalharam em grupo, como não estavam a surgir muitas ideias para a criação do som, foi necessária intervenção da educadora para facilitar e colaborar. Cada grupo escolheu a ideia que queria e depois ensaiou. No momento de ensaiar os sons para a criação da paisagem, uma criança sugeriu recriar a praia com adereços que fizessem lembrar esse ambiente. Para isso foram usados materiais disponíveis na instituição, tais como papel plástico colorido, conchas e papéis, no sentido de recriar uma paisagem sonora e estética/visual.

As crianças demonstraram-se muito entusiasmadas em criar os sons e fazer a paisagem. Para não gerar confusão e realizar uma experiência simples, clara e agradável, foi decidido no momento que o mapa sonoro não fazia sentido.

O vídeo da paisagem só foi gravado da parte da tarde, após a colocação dos adereços escolhidos. As crianças colaboraram muito bem, quer durante o momento do ensaio e da gravação, o que surpreendeu. Tornou-se evidente o entusiasmo delas, que até pediram para gravar mais do que uma vez, o que foi gratificante.

Todos os objetivos foram alcançados e, no que toca à avaliação, só um parâmetro é que não foi avaliado, pelo facto de não se ter realizado a atividade que permitiria avaliá-lo.

Divulgação do projeto:

O projeto chegou ao fim e fez sentido apresentar a teia de ideias final. É de salientar que a teia é simples, concisa e contempla as ideias e preferências das crianças.

Algumas crianças participaram na sua construção, elaborando desenhos para ilustrar e escrevendo palavras, com orientação.

Figura 32

Teia de ideias final



A avaliação do projeto decorreu ao longo do tempo, no decurso das atividades realizadas e através da observação dos processos e dos resultados, como a escolha de materiais para a construção da casa e dos instrumentos, as decisões tomadas para apresentar a área, para realizar atividades, ... Esta avaliação contínua, permitiu que fossem surgindo, no decorrer do projeto, novas ideias e novas atividades propostas pelas crianças. Todas as produções (individuais, de pequeno e de grande grupo), bem como o envolvimento e participação das crianças, foram considerados na avaliação.

No final, em grande grupo, criou-se um diálogo, no qual foram feitas as questões “O que gostamos mais?” e “O que aprendemos com o projeto?”. O objetivo foi fazer um balanço geral do que foi feito e recordar momentos que foram significativos para o grupo, refletindo sobre eles. Todas as crianças falaram e manifestaram os seus gostos, à exceção de duas que tiveram de ser incentivadas a falar, acabando também por manifestar o que gostaram mais. Alguns comentários:

G: *“Gostei da casa da música, do jogo do bingo, do yapo, da orquestra, da paisagem da praia.”*

CM: *“Gostei da casa da música, da paisagem sonora da praia e dos instrumentos.”*

GC: *“Gostei da história, dos cartões, de ver o vídeo, de fazer os instrumentos, a casa da música, ... (gostou de tudo).”*

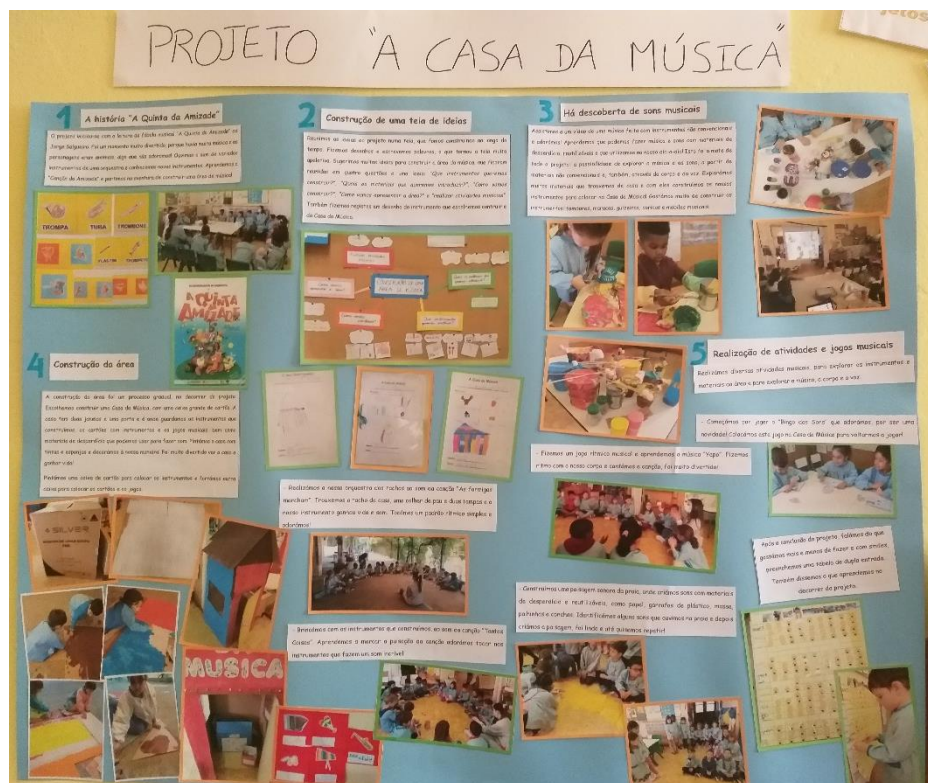
Na resposta à questão *“O que aprenderam com o projeto?”*, a maioria disse que aprendeu a construir instrumentos com diferentes materiais, mas algumas disseram *“a música é boa e há músicas engraçadas”, “aprendi a fazer os instrumentos”, “pode-se fazer instrumentos de várias espécies”*.

Através de uma tabela de satisfação, cada criança avaliou os diversos momentos desenvolvidos com recurso a três caras/*smiles*, um que demonstra o gostei pouco ou não gostei, outro o gostei e o terceiro demonstra o gostei muito. Esta foi uma avaliação que permitiu compreender quais os momentos que as crianças gostaram mais e aquilo que gostaram menos. Posteriormente, iria refletir-se sobre todo o projeto.

Devido à situação pandémica, não foi possível divulgar o projeto às outras salas da instituição, porque existia um plano de contingência em vigor para cumprir. Sendo assim, o grupo decidiu que seria feito um cartaz com um resumo do projeto, para mostrar às famílias. No cartaz estavam evidenciadas diversas imagens do projeto e pequenos textos, com uma explicação breve de diferentes fases. Este foi afixado no corredor da entrada do jardim de infância, ao qual os pais têm acesso. Também foi criado um vídeo com a compilação do projeto, onde estão presentes registos fotográficos e videográficos, que foram registados ao longo do tempo. Este vídeo foi mostrado ao grupo de crianças, que adorou reviver momentos divertidos e observar aquilo que foi feito.

Figura 33

Cartaz de divulgação



CAPÍTULO 6 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao longo deste Projeto de Investigação, realizado no estágio direcionado para a Educação Pré-Escolar, o grupo de crianças realizou diversas aprendizagens e conquistas. Foi uma longa caminhada, com vários desafios ultrapassados, onde a música esteve sempre presente.

Primeiro, considera-se pertinente apresentar e discutir alguns resultados, que surgiram neste projeto, não esquecendo o objetivo inicial: *“Promover o desenvolvimento musical das crianças, explorando a música e os sons, a partir de instrumentos musicais não convencionais e, também, através do corpo e da voz”*. A partir deste objetivo, reuniram-se quatro questões que estiveram sempre presentes:

- Qual a motivação e envolvimento das crianças no planeamento e construção da casa da música?
- Que impacto é que o projeto da casa da música teve na vida do grupo?
- Como é que o grupo reagiu às atividades musicais realizadas?
- Quais as competências musicais e extramusicais foram sendo adquiridas?

Concluo que todas as atividades realizadas permitiram às crianças progredir e evoluir no seu desenvolvimento holístico, nomeadamente ao nível cognitivo, social e emocional. Durante o projeto, as crianças tiveram oportunidade de vivenciar atividades musicais, que foram trabalhadas de modo gradual, tendo em conta os seus interesses e preferências.

Todo o planeamento em torno da construção da casa da música gerou nas crianças um grande interesse e entusiasmo, visível sempre que se discutiam ideias, em grande ou pequeno grupo, e quando algo era realizado para a sua concretização. O envolvimento do grupo foi muito positivo e as propostas sugeridas tiveram impacto no desenrolar do projeto. Sem dúvida que foram desenvolvidas e alcançadas aprendizagens ao nível da formação pessoal e social, como a autonomia para fazer escolhas e tomar decisões; a independência para saber cuidar de si, assumir responsabilidades na sua segurança e bem-estar; a promoção de valores democráticos, tais como a participação, a justiça e a cooperação (Silva et al., 2016).

O facto de as crianças estarem habituadas aos princípios do modelo pedagógico, o MEM, permitiu que todo o planeamento e gestão fosse bem-sucedido e adaptado aos seus interesses e necessidades. As atividades planeadas foram sendo ajustadas ao longo do tempo, pois tudo era conversado e discutido em conjunto. “Planear não é, assim,

prever um conjunto de propostas a cumprir exatamente, mas estar preparado para acolher as sugestões das crianças e integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagem” (Silva et al., 2016, p. 15).

O grupo começou por ter contacto com os instrumentos musicais convencionais, algo já conhecido e familiar, adquirindo aprendizagens acerca desses instrumentos e as suas categorias. Isto foi proporcionado através do contacto com os respetivos (timbres), assim como com o formato e aparência de cada instrumento. Posteriormente, através de materiais reciclados e reutilizáveis, compreenderam a utilidade que estes têm na produção de sons e que podem ser utilizados para construir instrumentos não convencionais. Compreenderam o que são e para que servem, despertando interesse em construir os seus próprios instrumentos.

No decorrer das atividades, as crianças identificaram, reproduziram e exploraram características dos sons, como o timbre e elementos musicais, como ritmo e a pulsação. O desenvolvimento da discriminação sonora foi visível e alcançado com sucesso, assim como a emissão de diferentes sons vocais. As capacidades expressivas e criativas foram desenvolvidas nas atividades musicais, sobretudo o “fazer” música, o experimentar música e ambientes sonoros, reproduzir os sons e ruídos da natureza ou da vida corrente e a realização de improvisações musicais com intenções, utilizando diversos recursos sonoros (voz, timbres corporais, instrumentos não-convencionais).

Sem dúvida que explorar a música através de jogos, experiências e contextos reais foi preponderante no desenvolvimento musical das crianças, o que fez realçar a perspetiva de Edgar Willems.

O maior controlo da motricidade foi observável e significativo, graças ao contacto com os instrumentos construídos, ao jogo rítmico vivenciado, à produção de ritmos com o corpo, objetos e instrumentos e à experimentação de tocar a pulsação da canção. Também, foi observável um desenvolvimento e amadurecimento da psicomotricidade, visto que a expressão corporal foi trabalhada e desenvolvida. Isto remete para a importância da relação entre a música e o movimento corporal, que as crianças assumem de forma natural, algo que o psicólogo Howard Gardner destaca (1983) e que as OCEPE recomendam. A comunicação não verbal foi explorada através do gesto, da palavra, do movimento do corpo, da expressão facial e da mobilização de objetos, que permitiu desenvolver formas de expressão e comunicação oral.

Naturalmente, a linguagem verbal também foi desenvolvida quando se cantaram canções, trabalhando a sua letra, explorando o carácter lúdico das palavras e compreendendo o sentido do que se dizia, discriminando sons e palavras. Tudo isto proporcionou uma melhoria considerável da expressão oral e musical.

Toda a sequência de atividades foi ponderada e houve uma interligação entre todas, no sentido de desenvolver competências e de superar desafios e dificuldades.

Durante a etapa de construir a casa da música, o grupo demonstrou sempre entusiasmo e satisfação, sugerindo e propondo ideias, que foram negociadas, discutidas e adaptadas. Foram desenvolvidas competências artísticas, como a experimentação e produção plástica com diferentes materiais, o sentido estético e criativo, a apreciação e fruição de técnicas de arte, a expressividade e o sentido crítico. Relacionados com a arte estão valores pessoais e sociais que foram adquiridos, especialmente a importância de dar vida e novas funcionalidades a materiais de uso utilitário ou reutilizáveis, o que sensibilizou para a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e para a posição e papel que possuem face ao mundo.

As crianças começam a ter em conta diferentes pontos de vista e a aceitar que todos contribuem para o grupo com a sua participação individual. Um ethos de apoio e inclusão (...) ajuda as crianças a colaborarem e a ajudarem-se mutuamente (Folque, 2014, p. 62).

A cooperação e interajuda, capacidades exploradas e desenvolvidas pelo grupo, foram notórias e contribuíram para o sucesso do projeto. Muitas das atividades realizadas foram em grande grupo ou pequeno grupo, assim como as tarefas/ações desenvolvidas para construir a casa da música. Tudo isto permitiu reforçar este trabalho cooperativo e colaborativo, pois todas trabalharam para um resultado comum.

Foi muito gratificante compreender a importância que o grupo deu a todo o projeto e o esforço e empenho que colocou em tudo o que desenvolveu. Todas as crianças demonstraram disposição, foco, interesse, participação e dedicação e colaboraram sempre, discutindo e dando opinião sobre tudo o que era conversado. Com o passar do tempo, foram descobertas particularidades e características próprias das crianças e os

gostos que evidenciavam, o que proporcionou orientação e acompanhamento do seu desenvolvimento.

A casa da música e os instrumentos construídos contribuíram para que a música desempenhasse um papel mais significativo na vida das crianças. As atividades, os jogos e tarefas proporcionadas, foram novidade e houve um alargamento de horizontes e uma conquista de aprendizagens relevantes. Como referem Silva et al. (2016), as crianças detêm um enorme potencial de energia, curiosidade natural para compreender e dar sentido ao mundo que as rodeia, sendo abertas e recetivas ao que é novo e diferente.

A participação das famílias foi fundamental e um fator preponderante na realização deste projeto. A contribuição e colaboração dos pais permitiu um maior envolvimento das crianças em tudo o que fizeram e um sentido de responsabilidade para darem o melhor. Contribuíram para o progresso das aprendizagens das crianças e para o seu percurso, ajudando-as a evoluir e transformar-se. Este processo participado entre o jardim de infância e a família permitiu alargar as interações e enriquecer o processo educativo.

Na fase de divulgação do projeto, sobretudo no momento da avaliação, o grupo evidenciou uma boa capacidade de memória, pois recordou com facilidade todas as experiências e momentos musicais vivenciados, refletindo autonomamente. O cartaz e vídeo realizados para divulgação foram muito bem recebidos pelas crianças que mostraram orgulho, satisfação e felicidade, e pelas famílias, que deram um *feedback* positivo e agradável, evidenciando valorização e mérito por todo o percurso. “A documentação permite recolher todas as evidências do processo de desenvolvimento de um projecto e, simultaneamente, devolve-nos, em espelho, o conjunto de aprendizagens realizadas pelas crianças” (Vasconcelos et al., s. d., p. 17).

Quando um objecto ou ambiente é aberto a diferentes possibilidades de interpretação e uso, a criança passa a deter o poder de definir o que ele é ou para que serve, em vez de, estereotipadamente, identificar uma maneira “correcta” de o entender ou sobre ele agir (Talbot e Frost, 1989, como cit. em Hohmann e Weikart, 2011).

A “Casa da Música” foi um espaço planeado e equipado pelo grupo, de forma a ir ao encontro dos seus interesses e proporcionou aprendizagens e brincadeiras que irão, certamente, ser recordadas de forma agradável. Sem dúvida que brincaram muito com sons, materiais e instrumentos e que cresceram, tornando-se mais sábios e curiosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida que orientou o desenvolvimento do projeto foi aprofundado e alcançou um resultado bastante positivo. Foram proporcionadas diversas oportunidades de contacto com a música, através de instrumentos ou materiais não convencionais, do corpo e da voz. Estas experiências despertaram novas aprendizagens, possibilitaram o progresso e aperfeiçoamento de capacidades musicais, pessoais e emocionais imprescindíveis ao crescimento de cada uma das crianças que são seres únicos, especiais e com personalidade inigualável. Todos os objetivos delineados foram alcançados e conseguidos.

Relembrando o contexto educativo, que se baseia no Movimento da Escola Moderna, fez todo o sentido recorrer à metodologia do trabalho de projeto. Inicialmente foi desafiante a adaptação ao modelo pedagógico, que era novidade, mas com a observação participante tudo se tornou mais simples, fluído e com um propósito. O trabalho de projeto permitiu a aprendizagem cooperativa e democrática, onde a criança foi o agente da sua aprendizagem e um participante ativo ao longo de todo o processo. Foram as crianças que orientaram a teia de ideias construída, que criaram as questões e que decidiram o desenrolar do projeto e a criação de uma nova área, a “Casa da Música”, o que proporcionou motivação, autonomia e curiosidade. Outro aspeto característico desta metodologia é a divisão do projeto em fases, o que torna todo o trabalho realizado organizado e estruturado, havendo sempre a possibilidade de ajustes e adaptações.

O contacto com a pedagogia do MEM foi uma aprendizagem constante e prazerosa, que possibilitou crescimento pessoal e profissional e a aquisição de princípios e valores que são primordiais durante a infância: democracia, autonomia, responsabilidade, cooperação e comunicação. Todos estes valores e princípios acompanharam este projeto e estiveram presentes em variados momentos e atividades. As relações com os pares e os adultos foram constantes e reforçadas, o que é um impacto positivo deste percurso. O diálogo e a comunicação eram o “mote” de uma atividade ou momento musical, da continuação da teia de ideias e dos jogos rítmicos e musicais; a cooperação foi frequente, todos participaram e deram o seu contributo para a criação da “Casa da Música”, da teia de ideias, para as atividades musicais. Tudo isto contribuiu para reforçar as interações, que são essenciais para o sucesso de qualquer projeto desenvolvido, como foi o caso deste.

Em relação às competências musicais exploradas e desenvolvidas, foram fruto de dedicação e persistência, dois elementos chave no trabalho musical com crianças de quatro/cinco anos.

Os instrumentos de recolha de dados seleccionados foram suficientes para obter respostas à situação que se pretendia melhorar. Os meios audiovisuais e os registos fotográficos permitiram recolher evidências reais que, mais tarde, fizeram parte da divulgação do projeto, comprovando a evolução do grupo.

A gestão de tempo foi um desafio ao longo da implementação do projeto. O trabalho de projeto requer muito tempo porque funciona em pequeno ou grande grupo, permitindo adquirir competências de cooperação e colaboração e dando ao educador o papel de apoiar e orientar os grupos. Todas as crianças são diferentes e trabalham em ritmos díspares e, por vezes, foi desafiante concluir determinadas tarefas no tempo estabelecido. Contudo, são estes desafios que fazem crescer, aprender e superar adversidades ou dinâmicas com as quais se tem de lidar espontaneamente.

Com esta investigação/ação, comprovou-se que, partindo do não convencional, é possível explorar capacidades musicais que, na infância, fazem mais sentido por se basearem na vida real mais próxima das crianças e das vivências que vão tendo no seu quotidiano. Música é, para além de canções, instrumentos musicais e formação musical, também o trabalho com os sons que sobressaem no dia-a-dia, o produzir sons e ritmos com o corpo, com objetos, materiais de uso quotidiano com mente aberta, curiosa e desperta para ir mais além.

Refletindo sobre o presente projeto musical, este poderia ter sido estendido por mais tempo, ou seja: na fase de planificação e desenvolvimento surgirem mais propostas e ideias que concretizadas dariam um prolongamento ao projeto ou, quiçá, proporcionariam maiores e melhores resultados. No entanto, foi bem-sucedido e um aditamento ao progresso e crescimento das crianças. Mais projetos semelhantes deveriam estar sempre presentes na formação de crianças, particularmente no jardim de infância, devido ao benefício que o contacto com a música traz para o desenvolvimento da criatividade, do controlo emocional, da relação com os outros, do sentido crítico, da expressão e linguagem corporal, etc., para além do despertar para a própria aprendizagem musical e para aprendizagens noutras áreas.

“A child’s musical experiences from birth to age five have a particularly profound impact on the extent to which she will be able to understand, appreciate, and achieve in music as an adult” (The Gordon Institute *for* Music Learning, 2022).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação: Um Guia para a Pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Gradiva Publicações, S. A.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cervera, J., Fuentes, P., Fernández, H., Carvajal, A., García, T. & Vellejo, A. (1997). Expressão Musical – Expressão Corporal e Dramatização. In P. G. Fernández (Ed.), *Enciclopédia de Educação Infantil: Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar* (pp. 1329-1599). Nova Presença, Lda.
- Correia, M. C. B. (2009). A Observação Participante enquanto Técnica de Investigação. *Pensar Enfermagem*, 13 (2), 30-36. <https://doi.org/10.56732/pensarenf.v13i2.32>
- De Abreu, T. (2014). *Ephtah!: das Ideias Pedagógicas de Murray Schafer*. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Instituto de Artes, São Paulo. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110656>
- Del Picchia, J., Pereira, D. P., Rocha, R. (2013). Émile Jaques-Dalcroze: Fundamentos da Rítmica e suas Contribuições para a Educação Musical. *Revista Modus*, VIII (12), 73-88. <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-modus/article/view/649/397>
- Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação - Acção*. Porto: Porto Editora.
- Folque, M. A. (2014). *O Aprender a Aprender no Pré-Escolar: O Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna* (2ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fonseca, K. (2012). INVESTIGAÇÃO – AÇÃO: UMA METOLOGIA PARA PRÁTICA E REFLEXÃO DOCENTE. *Revista Onis Ciência, Braga*, V.1 (2), 16-31. <https://revistaonisciencia.com/resumo-e-abstract-e2-02/>
- Godinho, J. C., Brito, M. J. N. (2010). *As Artes no Jardim de Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
- Goés, R. S. (2009). A Música e suas Possibilidades no Desenvolvimento da Criança e do Aprimoramento do Código Linguístico. *Revista do Centro de Educação a Distância – CEAD/UDESC*, 2 (1), 27-43. <https://www.revistas.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/view/1932/1504>
- Gordon, E. E. (2000). *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Fundação Calouste Gulbenkian.

- Gordon, E. E. (2003). *A Music Learning Theory for Newborn and Young Children*. GIA Publications, Inc. Chicago.
- Guedes, M. (2011). Trabalho em Projetos no Pré-Escolar. *Escola Moderna*, (40), 5-12.
https://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1_2_2_trab_proj_coop/12_2_b_04_proj_preescolar_mguedes.pdf
- Hohmann, M. e Weikart, D. P. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Instituto da Segurança Social, I.P. (2014). *Guia prático - Constituição de Instituições Particulares de Solidariedade Social*. http://www.seg-social.pt/documents/10152/15030/constituicao_ipss
- Instituto Nacional de Estatística. (2021, julho 4). *Censos 2021*.
https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html
- Katz, L., Chard, S. (2009). *A Abordagem por Projectos na Educação de Infância*. (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Latorre, A. (2003). *La Investigación-Acción*. Barcelona: Editorial Graó.
- Martins, J. B. (1996). Observação Participante: uma abordagem metodológica para a Psicologia Escolar. *Seminário Ciências Sociais / Humana*, 17 (3), 266-273.
https://www.researchgate.net/profile/Joao-Martins-21/publication/272653262_Observacao_participante_uma_abordagem_metodologica_para_a_psicologia_escolar/links/56f95c1008ae81582bf43830/Observacao-participante-uma-abordagem-metodologica-para-a-psicologia-escolar.pdf
- Moura, A. (2003). DESENHO DE UMA PESQUISA: PASSOS DE UMA INVESTIGAÇÃO-ACÇÃO. *Educação*, 28 (1), 9-31.
<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4321/2542>
- Movimento da Escola Moderna. (2022, junho 16). *Modelo Pedagógico do MEM*.
<https://www.escolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>
- Niza, S. (1996). O modelo curricular de educação pré-escolar da Escola Moderna Portuguesa. *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*, 138-159.
- Ó, J. R. (2014). Sérgio Niza: Escritos sobre Educação. *O LUGAR DOS NOSSOS TEXTOS – Escritos Partilhados* 4. (pp. 1-9).
https://issuu.com/centroderecursosmem/docs/alivroseregionizajorgeramosdoo_8b1f107b677229

- Palheiros, G. B. & Bourscheidt, L. (2012). A pedagogia musical ativa. In Both, I. J., Godoy, H., Dias, N. L. & Baranow, U. G. (Eds.) *Pedagogias em educação musical*. (pp. 305-341). Editora Intersaberes.
- Palheiros, G. B. (1999). Metodologias e investigação sobre o ensino do ritmo. *Revista de Educação Musical*, (103), 4-9. <http://www.awpm.pt/docs/Boletim103Apem.pdf>
- Pinho, J. (2010). *Freguesia de Santa Cruz: História, Memória e Monumentalidade*. Coimbra: Junta de Freguesia de Santa Cruz.
- Rodrigues, H. (1998). Pequena Crónica sobre notas de rodapé na Educação Musical - Reflexões a propósito da teoria da aprendizagem musical. *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical*, 99, 15-25. <https://run.unl.pt/handle/10362/12569>
- Rodrigues, H. (2000). Aspetos sobre desenvolvimento musical de recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar segundo a perspectiva de Edwin Gordon. *Cadernos de Educação de Infância*, 53, 31-37.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Sousa, A. B. (2017). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 1.º volume*. (2ª ed.). Edições Piaget.
- Spradley, J. P. (1980). *Participant observation*. New York: Holt, Rinehart & Winston, INC.
- Swanwick, K. (2006). *Música, pensamiento y educación*. Madrid: Ediciones Morata.
- The Gordon Institute for Music Learning. (2022, novembro 8). *Early Childhood Music*. <https://giml.org/mlt/earlychildhood/>
- UNESCO. (2006). *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.
- UNICEF. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos*. Comité Português para a UNICEF.
- Vasconcelos, T., Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O., ... Alves, S. (s. d.). *Trabalho por Projetos na Educação de Infância: Mapear aprendizagens, Integrar Metodologias*. Ministério da Educação e Ciência, Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Legislação Consultada

Decreto-Lei n.º 54/2018 da Presidência do Conselho de Ministros. (2018). Diário da República: I Série, n.º 129

<https://data.dre.pt/eli/dec-lei/54/2018/07/06/p/dre/pt/html>

Lei n.º 1/2005 da Assembleia da República. (2005). Diário da República: I Série, n.º 155.

<https://data.dre.pt/eli/leiconst/1/2005/08/12/p/dre/pt/html>

ANEXOS

Anexo 1 - Letra da “Canção da Amizade”

CANÇÃO DA AMIZADE

Poema: João Aguiar

Música: Jorge Salgueiro

Se o Elefante é pesadão
Não é por isso que não tem um coração.
Gostar de todos, ser amigo de verdade:
Esta é a lei da nossa Quinta da Amizade.

Não é pecado ser diferente:
Se toda a gente fosse igual a toda a gente.
O nosso mundo era muito aborrecido...
E este Elefante é um bicho divertido!

Uns têm bico, outros focinho;
O Cão pastor não é igual ao Passarinho;
O Pato grasna, arrulha a Pomba...
Porque não há-de o Elefante andar de tromba.

Anexo 2 - instrumentos não convencionais construídos pelas crianças



Anexo 3 - caixa de cartão para construir a “casa da música”



Anexo 4 – registos fotográficos do processo de construção da área



Anexo 5 - Pesquisa dos instrumentos convencionais para colocar nos cartões



APÊNDICES

Apêndice 1 – Planeamento da atividade “À descoberta de sons musicais”**Planeamento da atividade “À descoberta de sons musicais”**

Área(s) de conteúdo/domínio(s): Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Educação Artística (subdomínio da Música) e Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Duração: 40 minutos

Data: 6 de abril de 2020

Objetivos	Ponto de partida	Gestão do ambiente	Proposta educativa	Avaliação
- Compreender o conhecimento das crianças, acerca da música; - (Re)conhecer o som de instrumentos musicais convencionais; - Identificar auditivamente sons instrumentais;	O ponto de partida é o interesse das crianças em contactar com a música, sobretudo através de canções. - A história “A Quinta da Amizade” de Jorge Salgueiro e a “Canção da Amizade”.	<u>Recursos físicos:</u> - A sala; - Instrumentos convencionais; - A história “A Quinta da Amizade”; - A “Canção da Amizade”; - Cartões com imagens dos personagens e os instrumentos; - Computador. <u>Gestão do grupo:</u>	Contar a fábula musical e, à medida que é contada, a ideia é reproduzir o som do instrumento das personagens, quando estas aparecem, no sentido de as crianças irem associando o animal ao som do instrumento musical convencional. Realiza-se um diálogo em grande grupo, e é dada a oportunidade a todas as crianças para falarem ou comentarem, sobre o que ouviram.	Através da observação direta. Parâmetros de observação: - Nível de interesse e entusiasmo pela fábula musical; - Grau de conhecimento que as crianças têm acerca dos instrumentos musicais;

- Despertar o interesse das crianças para a música.		Durante a leitura da história as crianças estão na área da expressão plástica, sentadas em cadeiras e dispostas em círculo.	Exploração dos instrumentos presentes na fábula, através do auxílio de cartões, para compreender quais são aqueles que elas conhecem. Poderão ser exploradas algumas categorias dos instrumentos musicais convencionais. Após a exploração, é reproduzida a “Canção da Amizade”. A canção pode ser ensinada uma primeira vez e, posteriormente, no decorrer do projeto. A partir da canção, pretende-se suscitar o interesse das crianças, para a criação de uma área de música, através de questões orientadoras e da história e canção que ouviram.	- Grau da capacidade discriminativa/sonora das crianças em relação aos instrumentos musicais convencionais; - Nível de interesse das crianças na realização de um projeto relacionado com a música.
--	--	--	--	---

Apêndice 2 – Cartões da história “A Quinta da Amizade”



Apêndice 3 – Planeamento da atividade “À Descoberta do som”**Planeamento da atividade “À Descoberta do som”**

Área(s) de conteúdo/domínio(s): Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Educação Artística (subdomínio da Música e Subdomínio das Artes Visuais) e Área do Conhecimento do Mundo

Duração: 40 minutos

Data: 14 de abril de 2020

Objetivos	Ponto de partida	Gestão do ambiente	Proposta educativa	Avaliação
- Compreender o que são instrumentos não convencionais; - Identificar auditivamente sons corporais, sons do meio ambiente próximo (isolados e simultâneos) e sons instrumentais;	O ponto de partida é um vídeo que demonstra alguém a tocar uma música com instrumentos não convencionais.	<u>Recursos físicos:</u> - A sala; - Computador; - Retroprojektor; - Tela branca; - Vídeo dos instrumentos não convencionais https://www.youtube.com/watch?v=ac7pAxSHdj0 - Materiais usados no quotidiano e reutilizáveis. <u>Gestão do grupo:</u>	Mostrar um vídeo de uma música realizada com instrumentos não convencionais. Após a visualização do vídeo, são colocadas questões orientadoras: “O que observaram?”, “Que objetos e instrumentos foram utilizados?”, “É possível reproduzir sons e fazer música com diferentes objetos e materiais do nosso dia a dia?” ... é dada oportunidade para as crianças falarem e exprimirem as suas ideias.	Através da observação direta. Parâmetros de observação: - Nível de interesse e entusiasmo pela descoberta do som; - Grau da capacidade de identificação correta, das crianças, em relação aos sons presentes no vídeo

- Estimular o interesse pela descoberta do som.		Durante a visualização do vídeo, as crianças encontram-se na área da expressão plástica, sentadas em cadeiras e dispostas em filas, para visualizarem o vídeo.	É questionado ao grupo quais os materiais ou instrumentos que consideram que reproduzem som, fazendo-se uma interligação com o vídeo. A partir do vídeo e do diálogo realizado, pretende-se suscitar o interesse das crianças para continuar a construir a teia de ideias do projeto, registando materiais, instrumentos ou outras ideias, que podem ser desenvolvidas.	(sons instrumentais, corporais ou do ambiente); - Grau de conhecimento que as crianças têm em identificar e nomear objetos ou materiais que podem reproduzir sons. - Nível de aquisição de ideias acerca de instrumentos não convencionais.
--	--	---	---	--

Apêndice 4 – Planeamento da atividade “Vamos explorar sons e pôr mãos à obra?”**Planeamento da atividade “Vamos explorar sons e pôr mãos à obra?”**

Área(s) de conteúdo/domínio(s): Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Educação Artística (subdomínio da Música e das Artes Visuais) e Área de Formação Pessoal e Social

Duração: 40 minutos

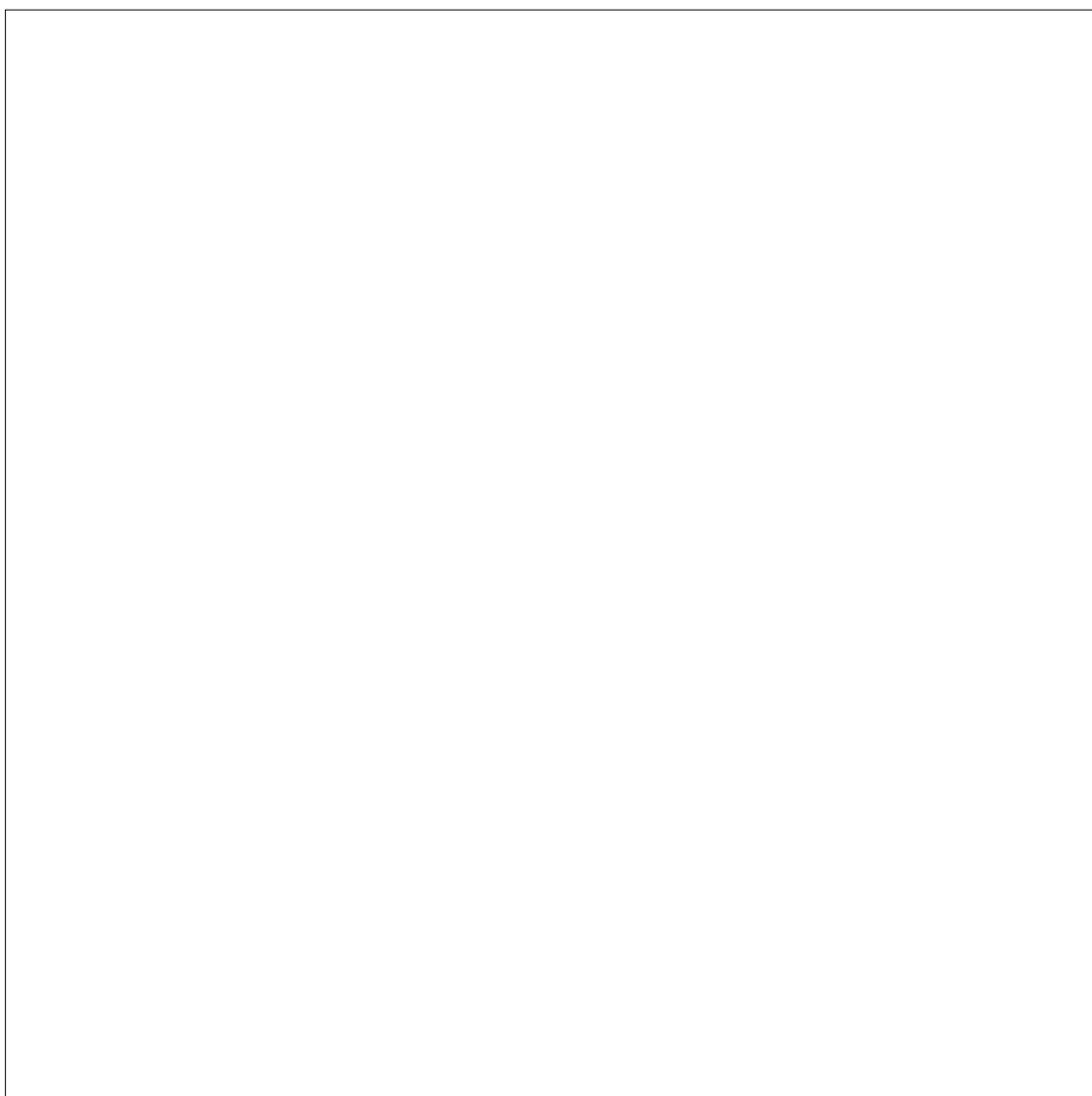
Data: 15 de abril de 2020

Objetivos	Ponto de partida	Gestão do ambiente	Proposta educativa	Avaliação
- Explorar sons com objetos e materiais; - Desenvolver a discriminação sonora, através da altura (sons agudos e sons graves) e timbre (diferentes materiais em contacto, reproduzem sons diferentes).	Para esta atividade, os materiais de desperdício/reutilizáveis e os materiais do exterior/da natureza são o ponto de partida.	<u>Recursos físicos:</u> - A sala; - Materiais usados no quotidiano e materiais de desperdício; - Folhas de registo para o desenho. <u>Gestão do grupo:</u> Durante a exploração dos materiais e do contacto com estes, o grupo é dividido em grupos de 3 ou 4 crianças.	Introduzir às crianças a exploração de sons, utilizando materiais de desperdício (latas, garrafas, papel, copos de plástico ou metal, ...) e materiais do exterior/da natureza (cascas de nozes, cascas de amêndoas, folhas, conchas, paus, areia, terra). Distribuídas em grupos, as crianças contactam com os diferentes materiais e exploram diversas possibilidades de contacto entre eles. Assim, espera-se que compreendam quais os materiais que podem usar para construir um instrumento	Através da observação direta. Parâmetros de observação: - Grau da capacidade participativa e de exploração dos diferentes materiais, pelas crianças, para descobrir; - Nível de manipulação dos materiais, para compreender se foi fácil ou desafiante;

		Estas encontram-se na sala, divididas pelas diferentes áreas.	ou quais aqueles que gostariam de colocar na área. Enquanto dois grupos estão reunidos, as restantes crianças podem ir brincar, até serem chamadas. Cada criança escolhe o instrumento que quer construir e idealiza, através de um desenho, os materiais que quer usar para construir o seu instrumento.	- Nível de interesse na construção do instrumento; - Grau da capacidade expressiva e criativa das crianças, em relação às artes visuais; - Grau da capacidade de descoberta de sons; O registo em desenho serve como um meio de avaliação, para perceber como a criança quer contruir o seu instrumento e quais o materiais que privilegia.
--	--	--	---	--

Apêndice 5 – Registo do instrumento

O meu Instrumento



Nome: _____

Data: _____

Apêndice 6 - Registo da casa da música

A Casa da Música

Materiais:

--

Nome: _____

Data: _____

Apêndice 7 – Planeamento da atividade “Construção da Área”**Planeamento da atividade “Construção da Área”**

Área(s) de conteúdo/domínio(s): Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Educação Artística (subdomínio das Artes Visuais) e Área de Formação Pessoal e Social

Duração: 35 minutos

Data: 21 de abril de 2020

Objetivos	Ponto de partida	Gestão do ambiente	Proposta educativa	Avaliação
- Idealizar a construção da área; - Eleger o nome da área.	O ponto de partida é o interesse das crianças em construir a Casa da Música.	<u>Recursos físicos:</u> - A sala; - Folhas de registo “Casa da música”; - Material de escrita. <u>Gestão do grupo:</u> O grupo encontra-se na sala, na área de expressão plástica. Durante a realização do desenho, as crianças	Inicia-se um diálogo em grupo, acerca de ideias para a construção da área. É para ser decidido onde a área vai ser colocada e quais os materiais a usar para montar e decorar. Continuação da teia de ideias afixada na sala. Realização de um desenho, pelas crianças, onde estas idealizam como gostariam que fosse a Casa da Música.	Através da observação direta. Parâmetros de observação: - Nível de interesse e preferências das crianças, em relação à construção da área; O registo em papel realizado pelas crianças, permite compreender como o grupo idealiza a sua Casa da Música.

		encontram-se dispersas pelas várias áreas da sala.		O diálogo em grande grupo permite perceber os interesses e ideias.
--	--	--	--	--

Apêndice 8 – Planeamento da atividade “Jogo Bingo dos Sons”**Planeamento da atividade “Jogo Bingo dos Sons”**

Área(s) de conteúdo/domínio(s): Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Educação Artística (subdomínio da Música) e Área de Formação Pessoal e Social

Duração: 30 minutos

Data: 22 de abril de 2020

Objetivos	Ponto de partida	Gestão do ambiente	Proposta educativa	Avaliação
- Desenvolver a discriminação sonora.	O jogo “Bingo dos Sons”.	<u>Recursos físicos:</u> - A sala; - 20 cartões de jogo; - Sons; - Computador; - Colunas. <u>Gestão do grupo:</u> Durante a explicação do jogo, as crianças encontram-se na área de expressão plástica. No momento do jogo, as	Explicar ao grupo como se joga o “Bingo dos Sons” e questionar se conhecem o jogo tradicional do bingo. O grupo de crianças é distribuído pelas várias mesas da sala e cada criança leva um cartão de jogo consigo. O objetivo do jogo é reproduzir os sons (um de cada vez) e as crianças marcarem no cartão o som que ouviram. Quando marcarem todos os sons do cartão, terminaram o jogo. Espera-se que permaneçam em silêncio e concentradas.	Através da observação direta. Parâmetros de observação: - Capacidade de destreza das crianças, em identificar os sons; - Nível de entusiasmo e empenho em jogar; - Nível de divertimento e demonstração de feedback positivo;

		crianças irão estar dispersas nas várias mesas da sala.	Nota: o jogo pode ficar na área de expressão musical que foi criada.	- Capacidade das crianças de permanecer em silêncio.
--	--	---	--	--

Apêndice 9 - Planeamento da atividade “Jogo rítmico”**Planeamento da atividade “Jogo rítmico”**

Área(s) de conteúdo/domínio(s): Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Educação Artística (subdomínio da Música) e Domínio da Educação Física - e Área de Formação Pessoal e Social

Duração: 30 minutos

Data: 29 de abril de 2020

Objetivos	Ponto de partida	Gestão do ambiente	Proposta educativa	Avaliação
- Explorar sons corporais; - Explorar improvisações corporais com e sem palavras.	O ponto de partida é uma canção intitulada “Yapo” e o interesse e gosto das crianças em aprender canções novas.	<u>Recursos físicos:</u> - Canção “Yapo” https://www.youtube.com/watch?v=rcBvsH7jqnc - Projetor; - Tela branca; - Computador; - Colunas de som; - Telemóvel. <u>Gestão do grupo:</u> Durante o ensino da canção, as crianças encontram-se sentadas na área de expressão plástica.	Visualização e audição da canção “Yapo”. Ensinar a canção “Yapo” ao grupo, começando pelas palavras e pela melodia. De seguida, ensino os gestos associados a cada palavra e o ritmo corporal da canção. Neste momento as crianças estarão em pé, com alguma distância entre elas e dispostas, de forma a que todas consigam acompanhar. As crianças têm liberdade para sugerir outro gesto corporal, se for mais simples para elas ou fizer mais sentido. Espera-se que todas se	Através da observação direta. Parâmetros de observação: - Nível de empenho e dedicação das crianças; - Capacidade de explorar o corpo como fonte sonora; - Capacidade das crianças em explorar

		No momento de ensinar os gestos e o ritmo corporal, as crianças irão estar de pé e com alguma distância entre elas. Quando o grupo souber cantar a canção e realizar os gestos, irão para o espaço exterior.	sintam bem e que consigam acompanhar, aprender a canção e o ritmo corporal.	e criar improvisações; - Capacidade de cooperação e relacionamento com os outros. Registo em vídeo das crianças a realizarem a canção e o ritmo corporal.
--	--	---	--	---

Apêndice 10 - Planeamento da atividade “Orquestra dos Tachos”**Planeamento da atividade “Orquestra dos Tachos”**

Área(s) de conteúdo/domínio(s): Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Educação Artística (subdomínio da Música) e Domínio da Educação Física - e Área de Formação Pessoal e Social

Duração: 30 minutos

Data: 30 de abril de 2020

Objetivos	Ponto de partida	Gestão do ambiente	Proposta educativa	Avaliação
- Alargar o desenvolvimento musical das crianças; - Explorar o elemento musical ritmo; - Elaborar improvisações musicais.	Os tachos, as colheres de pau e os testos/tampas irão motivar o interesse das crianças em fazer música.	<u>Recursos físicos:</u> - Canção “As Formigas Marcham” https://www.youtube.com/watch?v=N3pw10H-kXA - Tachos, colheres de pau e os testos; - Computador; - Colunas de som; - Telemóvel. <u>Gestão do grupo:</u>	Reproduzir a canção “As Formigas Marcham” no computador e através de colunas de som. Durante a audição da canção, as crianças poderão dançar, cantar e acompanhar a canção, através de uma exploração livre. De seguida, é questionado às crianças: “Que sons ouviram?”, “Os sons eram sempre iguais?” e “Que tal reproduzirmos um ritmo ao som da música, em conjunto?”.	Através da observação direta. Parâmetros de observação: - Nível de interesse das crianças, na atividade, através dos seus comentários e sugestões; - Capacidade de execução e aprendizagem do padrão rítmico;

		Durante o ensino da canção, as crianças encontram-se sentadas na área de expressão plástica. No momento de ensinar os gestos e o ritmo corporal, as crianças irão estar de pé e com alguma distância entre elas. Quando o grupo souber cantar a canção e realizar os gestos, irão para o espaço exterior.	É explicado ao grupo que, com os materiais que trouxeram, irão construir um padrão rítmico para acompanhar a canção, com recurso aos tachos, à colher e aos testos/tampas. Depois de construído o padrão para acompanhar a canção, regista-se o momento através de um vídeo.	- Capacidade de aprendizagem das crianças, em relação ao padrão rítmico; - Capacidade de coordenação motora; - Capacidade de imaginação e criatividade do grupo. Registo em vídeo do grupo a apresentar a orquestra dos tachos.
--	--	--	--	--

Apêndice 11 - Planeamento da atividade “Brincar com os instrumentos”**Planeamento da atividade “Brincar com os instrumentos”**

Área(s) de conteúdo/domínio(s): Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Educação Artística (subdomínio da Música) e Área de Formação Pessoal e Social

Duração: 40 minutos

Data: 22 de abril de 2020

Objetivos	Ponto de partida	Gestão do ambiente	Proposta educativa	Avaliação
- Explorar a pulsação; - Contactar com diferentes estilos musicais (jazz).	O interesse das crianças em cantar canções e tocar instrumentos não convencionais, neste caso, os que construíram no decorrer do projeto.	<u>Recursos físicos:</u> - A sala; - CD “<i>Jazz em miúdos</i>” edições convite à música - Rádio - Instrumentos não convencionais. <u>Gestão do grupo:</u> Durante a audição da canção as crianças estão na área de expressão plástica.	Reprodução da canção “Tantas coisas”, da editora Edições Convite à Música. Enquanto a música é reproduzida as crianças deverão estar atentas a escutar a canção e a movimentarem-se ao som dela. É questionado ao grupo que instrumentos escutaram. Os cartões com instrumentos, que foram construídos, são utilizados. É ensinada a canção ao grupo, por partes, para a aprendizagem ser mais simples.	Através da observação direta. Parâmetros de observação: - Capacidade de aquisição da pulsação da canção, através de movimentos corporais e de instrumentos não convencionais;

		No momento de aprendizagem e marcação da pulsação da canção, o grupo deverá estar em pé numa disposição em círculo ou meia lua.	Para aprenderem a pulsação da canção, as crianças vão marcá-la com palmas. Primeiro sem acompanhamento musical e, depois, com acompanhamento musical. Posteriormente, cada criança, com o seu instrumento não convencional, marca a pulsação da canção. Primeiro sem acompanhamento musical e depois com acompanhamento musical. Nota: Não se espera que as crianças aprendam a canção toda, pois o importante é marcar a pulsação. Posteriormente ensina-se a canção toda.	- Nível de entusiasmo das crianças na atividade e na aprendizagem da canção; - Capacidade de colaboração entre o grupo. Registo em vídeo das crianças a marcarem a pulsação com os instrumentos.
--	--	--	---	--

Apêndice 12 - Planeamento da atividade “Criação de uma Paisagem sonora”**Planeamento da atividade “Criação de uma Paisagem sonora”**

Área(s) de conteúdo/domínio(s): Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Educação Artística (subdomínio da Música) e Domínio da Educação Física - e Área de Formação Pessoal e Social

Duração: 40 minutos

Data: 13 maio de 2020

Objetivos	Ponto de partida	Gestão do ambiente	Proposta educativa	Avaliação
- Desenvolver a discriminação sonora; - Identificar os sons.	O interesse das crianças em música e em explorar os sons.	<u>Recursos físicos:</u> - A sala; - Materiais do quotidiano e de desperdício; <u>Gestão do grupo:</u> Durante o diálogo em grande grupo, acerca do ambiente, as crianças encontram-se sentadas na área de expressão plástica. Para a execução da paisagem sonora, as	O grupo escolhe um ambiente (o campo, a selva, a praia, etc.) e é solicitado para dizerem quais os sons que ouvem nesse ambiente (ex.: na praia ouço as ondas do mar, as gaivotas, o vento, as pessoas a falarem, a bola a bater nas raquetes, o motor do barco a andar no mar...). As crianças devem imaginar que estão no ambiente e pensar em sons que estão presentes ou em sons, que já ouviram ou ouvem, quando estão lá.	Através da observação direta. Parâmetros de observação: - Capacidade de identificar os sons do ambiente; - Capacidade das crianças de pensar em maneiras ou possibilidades de reproduzir os sons, com recurso a materiais, objetos, à voz ou ao corpo

		crianças poderão movimentar-se do lugar, no momento de constituir os grupos. Para criar a paisagem sonora, as crianças estarão em pé e numa disposição a ser eleita.	Cria-se uma paisagem sonora com a reprodução dos sons escolhidos, através de materiais de desperdício e objetos do dia a dia (sons de instrumentos, vocais, corporais ou objetos). As crianças são divididas em grupos e cada grupo reproduz um som diferente. Para auxiliar na execução da atividade, a cada som pode corresponder um símbolo ou desenho simples (notação não convencional), para identificar o som (mapa sonoro escrito ou realizado oralmente). Partindo dos símbolos, existe uma possibilidade de padrões rítmicos que se podem realizar. No final questiono às crianças quais os materiais ou objetos usados, que querem colocar na casa da música.	- Nível de facilidade das crianças em realizar padrões rítmicos; - Capacidade de trabalhar em grupo. Registos escritos dos comentários das crianças, o mapa sonoro construído e gravação em áudio ou vídeo.
--	--	---	---	---

